

LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Linguagens e suas Tecnologias

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Superintendência de Educação Aberta e a Distância

LICENCIATURA EM MATEMÁTICA
Linguagens e suas Tecnologias

Débora Araújo Leal
Mônica Maria Araújo dos Santos

Cruz das Almas, Bahia
2014

Presidente da República

Dilma Vana Roussef

Ministro da Educação

Henrique Paim

Universidade Aberta do Brasil - CAPES

Jean Marc Mutzig

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**Reitor**

Paulo Gabriel Soledade Nacif

Vice-Reitor

Silvio Luiz de Oliveira Soglia

Pró-Reitora de Graduação

Luciana Alaíde Alves Santana

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação, Criação e Inovação

Ana Cristina Fermينو Soares

Pró-Reitora de Extensão

Ana Rita Santiago

Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas - UFRB**Diretor**

Denis Rinaldi Petrucci

Vice-diretor

Celso Luiz Borges de Oliveira

Superintendência de Educação Aberta e a Distância - UFRB**Superintendente e Coordenador UAB**

Ariston de Lima Cardoso

Coordenador Adjunto UAB

Adilson Gomes dos Santos

Coordenador de Curso

Eleazar Gerardo Madriz Lozada

Diagramação

Raphael Moura Mascarenhas

Sead

Rua Rui Barbosa, 710 - Centro

CEP 44380-000

Cruz das Almas - BA

(75) 3621-6922

FICHA CATALOGRÁFICA

L435m	Leal, Débora Araújo. Módulo de linguagens e suas tecnologias / Débora Araújo Leal; Mônica Maria Araújo dos Santos. -- Cruz das Almas, BA: UFRB, 2014. 55p.; il. Esta é uma publicação vinculada ao CETEC – Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. ISBN: 978-85-61346-85-0 1.Educação – Ensino à distância. 2.Leitura – Produção textual. I.Santos, Mônica Maria Araújo dos. II.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. III.Título. CDD: 371.35
-------	---

Ficha elaborada pela Biblioteca Universitária de Cruz das Almas - UFRB.

Copyright © 2014. Todos os direitos desta edição estão reservados a SEAD. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Superintendência de Educação Aberta e a Distância da UFRB.

A reprodução de imagens de obras nesta obra tem o caráter pedagógico e científico, amparado pelos limites do direito de autor no art. 46 da Lei no. 9610/1998, entre elas as previstas no inciso III (a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim atingido, indicando-se o nome do autor e a origem da obra), sendo toda reprodução realizada com amparo legal do regime geral de direito do autor no Brasil.

SUMÁRIO

UNIDADE FORMATIVA I: INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

1 HISTÓRICO DA EAD	05
1.1 Educação a distância no Brasil e na contemporaneidade	08
2 PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM AÇÕES DO ENSINO A DISTÂNCIA	09
2.1 A importância da internet para EAD	16
3 O PAPEL DO PROFESSOR/TUTOR NA EAD	18
4 AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM	20
5 A POSTURA DOS DISCENTES NO CONTEXTO EAD	24
6 QUALIDADES DO ENSINO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	27

UNIDADE FORMATIVA II: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

1 LEITURA DE TEXTOS	31
1.1 Ativa	32
1.2 Analítica	32
1.3 Crítica	36
2 ESTUDO COMPARATIVO DE TEXTOS	38
2.1 Técnico-científicos: finalidade, linguagem e estilo	38
2.2 Literários: finalidade, linguagem e estilo	38
3 PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS	39
3.1 Resumos	39
3.2 Resenhas	45
3.3 Textos dissertativo-argumentativos	48
REFERÊNCIAS	51

Caro estudante,

Estamos iniciando, aqui, uma etapa de estudos. Etapa essa que requer dedicação e esforço por parte de todos os envolvidos nesse processo de ensino e de aprendizagem. No módulo de Linguagens e suas Tecnologias, você vai se dedicar à reflexão e prática dos assuntos aqui abordados a partir da sincronização dos conteúdos de duas importantes unidades formativas do seu curso, a saber: a Introdução à Educação a Distância e a Leitura e Produção de Texto. A primeira iniciará os seus estudos com o histórico da educação a distância, bem como os princípios que a orientam. Em seguida, apresentará não só o papel do professor/tutor no contexto da educação a distância, como também a postura dos discentes nessa modalidade de ensino. Cabe também, a essa fase de estudos, a familiarização do estudante aos ambientes virtuais de aprendizagem.

A segunda, Leitura e Produção de Texto, abrange os aspectos necessários que o auxiliarão no seu percurso acadêmico. Uma das principais características dos estudos que realizaremos nessa disciplina, será torná-lo um investigador ativo nessa área e não um leitor passivo. Desenvolveremos, pois, um trabalho no qual nós o envolveremos ativamente e não o tornaremos, simplesmente, um receptor das informações.

O desenvolvimento de leituras e produção textual é importante não só no contexto do curso de Licenciatura em Matemática, como também nos diversos âmbitos sociais. Pensando dessa forma, desenvolveremos os estudos dessa disciplina através de um constante diálogo. Desvendaremos juntos os caminhos para a assimilação dos conteúdos selecionados. Por isso, nessa nossa jornada, não só realizaremos discussões sobre os assuntos, como também estudaremos a teoria concomitante à prática.

Neste módulo, faremos uma viagem ao mundo da leitura e produção textual. Para melhor assimilação do conteúdo, optamos por estruturá-lo em cinco fases, a saber: na primeira fase, discorreremos sobre os tipos de leitura ativa, analítica e crítica. Na segunda, realizaremos o estudo comparativo de textos técnico-científicos e literários; abordando, assim, a sua finalidade, linguagem e estilo. Em seguida, na terceira fase, falaremos sobre o planejamento e produção de resumos, resenhas e textos dissertativo-argumentativos. Nas etapas subsequentes, quarta e quinta, realizaremos não só a interpretação, como também a produção de textos associados à Matemática e à Educação.

Quanto à metodologia adotada, pretendemos proporcionar a construção coletiva do conhecimento, de modo a desenvolver a colaboração e interação entre aluno-professor e aluno-aluno. As discussões serão alimentadas através da dinamização e aprofundamento dos assuntos abordados. Valendo-se para isso das ferramentas disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem, tais como: vídeo aula, web conferência; fóruns de discussão entre outros.

Diante do exposto e da expectativa do desempenho a ser alcançado no percurso dessas duas unidades formativas, convido-os a iniciarmos nossa jornada de estudos neste caminho repleto de novos saberes.

Sucesso nessa caminhada e bons momentos de estudo!

Profa. Me. Mônica M^a A. dos Santos

UNIDADE FORMATIVA I:

INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



A Educação a Distância é uma modalidade de ensino que através da tecnologia ultrapassa as barreiras de espaço, tempo e ritmo, possibilitando a disponibilidade de tempo de acordo com as características de cada profissional. No entanto, ela surge como uma quebra de paradigmas educacionais, visto que a modalidade de ensino presencial é desenvolvida em sala de aula com horário preestabelecido para os estudos e

considerando primordial a presença física dos alunos e professores.

Moran (2002, p. 87), em seus escritos define Educação a Distância como:

Processo de ensino aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacialmente e/ou temporalmente. É o ensino/aprendizagem onde professores e alunos não estão normalmente juntos fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias.

Todavia, para compreender e consolidar uma participação ativa e crítica/reflexiva da educação a distância é necessário conhecer o processo histórico e evolução dessa modalidade que já faz parte da realidade educacional vigente. O surgimento da EAD está vinculado a interesses de formação profissional e como facilitadora de acesso a educação; estando, assim, relacionada diretamente aos avanços tecnológicos de cada período histórico e às intervenções humanas.

Barros (2003) relata que os primeiros indícios da EAD remontam ao século XVIII quando um curso por correspondência foi oferecido por uma instituição de Boston nos Estados Unidos. No entanto, do século XIX até o primeiro terço do século XX, a educação a distância era caracterizada pela produção de materiais impressos com distribuição via correio, conhecido como “ensino por correspondência”. Entretanto apenas na segunda metade do século XX é que a EAD começou a se estabelecer como importante modalidade de ensino.

As universidades assumem um importante papel na evolução de EAD, pois apesar da pouca credibilidade no período do seu surgimento, elas contribuíram para inserção e aceitação de cursos à distância. Diniz, Linden e Fernandez (2011, p.14) citam algumas “universidades que inovaram ao implantar essa modalidade de educação ainda quando se achava duvidoso o seu potencial educativo”:

- Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED) na Espanha (<http://www.uned.es/portal/>), estruturada nos anos 70, utilizava materiais impressos entregues via correio como meio principal. No final do século XX, migrou para integração com a Internet. Essas propostas atraíram um grande

número de estudantes em todo o mundo, tanto de carreiras de graduação como de pós-graduação. Tem atualmente mais de 200 mil alunos.

- A Universidade Aberta no Reino Unido, criada em 1971, mais conhecida como Open University (<http://www3.open.ac.uk>), mostrou ao mundo uma proposta com um desenho complexo, o qual conseguiu, utilizando meios impressos, televisão e cursos intensivos, em períodos de recessos de cursos presenciais em outras universidades convencionais, produzir cursos acadêmicos de qualidade. Essa universidade transformou-se em modelo de ensino a distância e os egressos dessa modalidade competiam pelos postos de trabalho com os graduados de universidades presenciais. Atualmente, tem cerca de 210 mil estudantes.
- A FernUniversität, criada na Alemanha em 1974 com o objetivo principal de aliviar a pressão da demanda por vagas nas tradicionais universidades presenciais alemãs. Na Fern Universität (<http://www.fernuni-hagen.de/>), o ensino é articulado, sobretudo na forma de cursos à distância, de baixa estruturação, elaborados com ampla liberdade pelos professores dos cursos, sob a forma de textos didáticos, glossários, questões para auto-teste e trabalho autônomo (Peters, 2001). Peters foi o fundador e primeiro reitor da Fern Universität. Tem atualmente 56 mil estudantes.
- A Universidade de Wisconsin (<http://www.wisc.edu/>), criada exclusivamente para essa modalidade de ensino, marca um ponto importante no desenvolvimento de EAD na educação norte-americana. Em 1981, a administração da universidade aceita proposta de seus professores para organizar cursos por correspondência nos serviços de extensão universitária.

Diniz, Linden e Fernandez (2011, p.15)



<http://static.efetividade.net/archive/img/ead-senac.jpg>

Com o avanço da tecnologia, consequentemente a educação a distância se expande e, nas décadas de 60 e 70, incorpora o áudio, o videocassete, as transmissões de rádio e televisão e videotextos, para divulgação dos programas educacionais, não deixando de considerar e manter os materiais impressos via correio como base.

Assim, levando em consideração a intervenção humana e o avanço dos meios de comunicação, bem como a ampliação ao acesso desses, possibilitou o crescimento articulado da EAD. Ao final do século XX, surgiram as transmissões de televisão por satélite propiciando alcance continental a programas educacionais, cursos distribuídos por meio de fitas de áudio e de vídeo, programas de aprendizagem assistida por computador, os CD-ROMs, as redes de informação para troca de dados. No último terço do século, surgiram, no ensino superior, instituições dedicadas exclusivamente à educação a distância com perfil próprio em metodologia e uso de tecnologias.

Diante a esse contexto, é pertinente considerar marcos históricos que contribuíram para aceitação e

Ano	MARCO HISTÓRICO DA EAD NO MUNDO
1728	Marco inicial da Educação a Distância: é anunciado um curso pela Gazeta de Boston, onde o Prof. Caleb Philips de Short Hand, oferecia material para ensino e tutoria por correspondência.
1829	Na Suécia é inaugurado o Instituto Líber Hermondes - mais de 150.000 pessoas realizarem cursos através da Educação a Distância.
1840	Na Faculdade Sir Isaac Pitman, no Reino Unido, é inaugurada a primeira escola por correspondência na Europa.
1856	Em Berlim, a Sociedade de Línguas Modernas patrocina os professores Charles Toussaine e Gustav Laugenschied para ensinarem Francês por correspondência.
1892	No Departamento de Extensão da Universidade de Chicago, nos EUA, é criada a Divisão de Ensino por Correspondência para preparação de docentes.
1922	Iniciam-se cursos por correspondência na União Soviética;
1935	O Japanese National Public Broadcasting Service inicia seus programas escolares pelo rádio, como complemento da escola oficial.
1947	Inicia-se a transmissão das aulas de quase todas as matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, por meio da Rádio Sorbonne.
1948	Na Noruega, é criada a primeira legislação para escolas por correspondência.
1951	Nasce: Universidade de Sudáfrica, atualmente a única universidade EAD da África
1956	A Chicago TV College, EUA, inicia a transmissão de programas educativos pela televisão, e influencia outras universidades do país a criar unidades de ensino EAD
1960	Na Argentina, nasce a Tele Escola Primária do Ministério da Cultura e Educação, que integrava os materiais impressos à televisão e à tutoria.
1968	É criada a Universidade do Pacífico Sul.
1969	No Reino Unido, é criada a Fundação da Universidade Aberta.
1971	A Universidade Aberta Britânica é fundada.
1972	Na Espanha, é fundada a Universidade Nacional de Educação a Distância.
1977	Na Espanha, é fundada a Universidade Nacional de Educação a Distância.
1978	Na Costa Rica, é fundada a Universidade Estadual a Distância.
1984	Na Holanda, é implantada a Universidade Aberta.
1985	É criada a Fundação da Associação Europeia das Escolas por Correspondência. E na Índia, é realizada a implantação da Universidade Nacional Aberta Indira Gandhi.
1987	É divulgada a resolução do Parlamento Europeu sobre Universidades Abertas na Comunidade Europeia e criada a Fundação da Associação Europeia de Universidades de Ensino a Distância.
1988	Em Portugal, é criada a Fundação da Universidade Aberta;
1990	É implantada a rede Europeia de EAD, baseada na declaração de Budapeste e o relatório da Comissão sobre educação aberta e EAD na Comunidade Europeia.

Quadro 1: Marco histórico da Educação a Distância no mundo

implantação da Educação a Distância no mundo. O quadro a seguir aborda informações citadas por Vasconcelos, Golvêa e Oliveira *apud* ALVES (2011).

Esses acontecimentos contribuíram significativamente para evolução e aceitação da EAD em instituições públicas e privadas, bem como em cursos formais/não formais e profissionalizantes. É válido ressaltar que a Educação a Distância tem avançado gradativamente em relação aos recursos oferecidos e a tecnologia de informação e comunicação; possibilitando, assim, avanços das instituições nacionais e internacionais no processo educacional a distância.

No entanto, o surgimento da EAD possibilitou mudanças significativas no contexto educacional, gerando ampliação do conhecimento e da informação para os participantes dessa modalidade, pois surge como desafios que precisam ser superados e, de forma acelerada, abriu um novo mundo para troca, assimilação, distribuição e busca de conhecimentos, consequentemente proporcionando o aperfeiçoamento cognitivo e a atualização das tecnologias inovadoras.



<http://2.bp.blogspot.com/-xn/wiki2.jpg>

1.1 Educação a distância no Brasil e na contemporaneidade

Litwin (2001) define a EAD na contemporaneidade como não configurada mais pela distância, pois a virtualidade possibilita encontros cada vez mais próximos e efetivos que promovem a educação. E as características que diferem essa modalidade são as mediatizações das relações entre docentes e alunos.

A Educação a distância é uma modalidade de ensino na qual existe a “separação física e/ou temporal entre alunos e professores” Moran (2002), mas positivamente ela oferece as tecnologias de informação e comunicação como recursos para promoção da interação entre sujeitos e, além disso, se utilizada de maneira significativa, possibilita um ensino aprendido pautado na cooperação e colaboração de forma síncrona ou assíncrona, onde seus participantes são incentivados a construir conhecimentos a partir da autonomia da aprendizagem, comprometimento e organização de tempo para os estudos.

As experiências no ensino a distância no Brasil começaram no início do século XX, teve sua origem devido à necessidade de formação profissional de pessoas que não podiam ir à aula todos os dias e moravam distantes dos espaços onde eram ministrados os cursos de ensino presencial. Os cursos na modalidade de ensino a distância eram ministrados por carta, rádio e, mais tarde, pela TV. Em relação aos cursos de graduação e pós-graduação só se tornaram viáveis a partir do surgimento e difusão da internet e banda larga no Brasil. No entanto, a Universidade de Brasília, em 1979, foi a pioneira no uso da EAD, no ensino superior com cursos veiculados por jornais e revistas.

Em seus escritos Bellonni (2008, p.57) afirma que:

A terceira geração de EAD começa a surgir nos anos 90, com o desenvolvimento e disseminação da NTIC, sendo muito mais uma proposta a realizar do que propriamente uma realidade a analisar. Seus meios principais são, ou serão, todos os anteriores mais os novos, o que implicará mudanças radicais nos modos de ensinar e aprender:

unidades de cursos concebidas sob a forma de programas interativos informatizados (que tenderão a substituir as unidades de cursos impressas); redes telemáticas como todas as suas potencialidades (bancos de dados, e-mail, listas de discussão, sites etc); CD- ROMs didáticos de divulgação científica, cultura geral, de “infotainment” etc).

Observa-se que cresce a procura por cursos superiores e, para suprir a demanda, o Brasil começa a apostar na Educação a Distância para formação superior no país. Em 2005, surge a Universidade Aberta do Brasil (UAB) “com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País” (Decreto de 5.800 de 8 de junho de 2006). Considerando como prioridade a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica pública, apóia pesquisas em metodologias inovadoras de ensino superior, utilizando as tecnologias de informação e comunicação.

Devido à grande expansão e aceitação que a EAD obteve no mercado educativo e profissional do Brasil, ocorreu a sua regulamentação, sendo possível encontrar uma definição na legislação educacional brasileira que consta no Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, que regulamenta o art. 80 da LDB lei n.º 9.394/96:

Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

O Sistema UAB funciona como articulador entre as instituições de ensino superior e governos estaduais e municipais. Segundo a UAB/Capes atualmente, 88 instituições integram o Sistema UAB, entre universidades estaduais e Institutos Federais de Educação, Ciência Tecnologia (IFETs). A UAB/Capes em seu histórico informa que o Sistema UAB sustenta-se em cinco eixos fundamentais:

- expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e acesso;
- aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios;
- avaliação da educação superior a distância tendo por base os processos de flexibilização e regulação implantados pelo MEC;
- estímulo à investigação em educação superior à distância no País;
- financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior a distância.

Todavia, percebe-se que a Universidade Aberta do Brasil, desde a sua criação, ocupa espaço relevante na evolução da Educação a Distância; contribuindo, assim, para sua aceitação no mercado de trabalho, nas instituições escolares e até pela sociedade. Foram vários os acontecimentos no que tange a EAD no Brasil que fomentaram a quebra de paradigmas educacionais e possibilitou mudanças relacionadas à pensamentos preestabelecidos sobre a qualidade do ensino a distância. Maia e Mattar (2007); Marconcin (2010); Rodrigues (2010); Santos (2010) *apud* ALVES (2011) descrevem alguns acontecimentos que marcaram a história da EAD no Brasil.

Ano	ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS DA EAD NO BRASIL
1904	O Jornal do Brasil registra anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datilógrafo
1923	Um grupo liderado por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que oferecia curso Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia. Tinha início assim a Educação a Distância pelo rádio brasileiro.
1934	Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio. Os estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, e também era utilizada correspondência para contato com estudantes.
1939	Surge, em São Paulo, o Instituto Monitor - primeiro instituto brasileiro a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes à distância por correspondência.
1941	Surge o Instituto Universal Brasileiro, segundo instituto brasileiro a oferecer também cursos profissionalizantes sistematicamente. Surge a primeira Universidade do Ar, que durou até 1944.
1947	Surge a nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. O objetivo desta era oferecer cursos comerciais radiofônicos. A experiência durou até 1961, entretanto a experiência do SENAC com a EAD continua até hoje.
1959	Surge o Movimento de Educação de Base (MEB) na Diocese de Natal (RN), cria algumas escolas radiofônicas, Governo Federal utilizou--se inicialmente de um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos.
1962	É fundada, em São Paulo, a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica
1967	O Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, com ensino por correspondência. A Fundação Padre Landell de Moura criou seu núcleo de EAD, com ensino por correspondência e via rádio.
1970	Surge o Projeto Minerva, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos.
1974	Surge o Instituto Padre Reus e na TV Ceará começam os cursos das antigas 5ª à 8ª séries, com material televisivo, impresso e monitores.
1976	É criado o Sistema Nacional de Teleducção.
1981	Fundado o Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio AngloAmericano que oferecia Ensino Fundamental e Médio a distância.
1983	SENAC desenvolveu uma série de programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominada “Abrindo Caminhos”.
1991	O programa “Jornal da Educação – Edição do Professor”, foi incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação) tornando-se um marco na Educação a Distância nacional.
1992	É criada a Universidade Aberta de Brasília, bastante importante na EAD do Brasil.
1995	São criados o Centro Nacional de EAD; a Multi Rio (RJ) - que ministra cursos do 6º ao 9º ano, através de programas televisivos e material impresso. E o Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC.
1996	É criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo Ministério da Educação. A EAD surge oficialmente no Brasil, sendo as bases legais para essa modalidade de educação, estabelecidas pela LDBEN nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
2000	É formada a Uni Rede, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne atualmente 70 instituições públicas do Brasil, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão. Nesse ano, também nasce o Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ).

2002	O CEDERJ é incorporado a Fundação Centro de Ciências de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ).
2004	Vários programas para a formação inicial e continuada de professores da rede pública, por meio da EAD, foram implantados pelo MEC. Entre eles o Proletramento e as Mídias na Educação. Estas ações conflagraram na criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil.
2005	É criada a Universidade Aberta do Brasil, uma parceria entre o MEC, estados e municípios; integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância.
2006	Entra em vigor o Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade à distância (BRASIL, 2006).
2007	Entra em vigor o Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que altera dispositivos do Decreto nº 5.622 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2007).
2008	Em São Paulo, uma Lei permite o ensino médio a distância, onde até 20% da carga horária poderá ser não presencial.
2009	Entra em vigor a Portaria nº 10, de 02 julho de 2009, que fixa critérios para a dispensa de avaliação in loco e deu outras providências para a Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil (BRASIL, 2009).
2011	A Secretaria de Educação a Distância é extinta.

Quadro 2: Acontecimentos históricos da EAD no Brasil

A Educação à Distância no Brasil iniciou com alguns problemas e interrupções identificados através de várias experiências desenvolvidas desde as primeiras décadas do século XX. Segundo Alves (2009), a trajetória da EAD no Brasil é marcada por avanços e retrocessos e ainda alguns momentos de estagnação, provocados principalmente pela ausência de políticas públicas para o setor. Outras iniciativas da EAD foram o Instituto Monitor criado em 1939 e o Instituto Universal Brasileiro criado em 1941, onde ofertam cursos por correspondência para estudantes de todo o Brasil.

Assim, a Educação a Distância no Brasil, atualmente, vem conquistando seu devido espaço e vivenciando novos desafios, como: a flexibilidade de espaço e tempo; a educação sem fronteiras; integração da modalidade presencial e a distância para alcançar uma educação de qualidade; trabalhar a motivação dos alunos; a aprendizagem colaborativa, cooperativa; interatividade; formação de professores com foco nos avanços tecnológicos e principalmente em relação ao impacto nas novas tecnologias na Educação a Distância.

Contudo, a EAD foi instituída como política pública em 1972 com experiências implementadas no país com os Planos Básicos de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PBDCT), onde teve destaque aos projetos Saci, João de Barro e Lobato, sendo financiados pelo I PBDCT, entre 1972 e 1974, tendo como objetivo principal criar uma rede de ensino a distância, utilizando-se da televisão com o intuito de atingir o público do 1º grau nas séries iniciais. Diante das tecnologias vigentes a cada época, a EAD atingiu pelo menos cinco gerações significativas, conforme discorrem Moore e Kearsley (2010).

Já com o II PBDCT, entre 1975 e 1979, baseou-se com projetos de Desenvolvimento da Teleducção e Novas técnicas educacionais para o Ensino superior. Utilizando-se basicamente dos meios televisivos, mostrando possibilidades importantes que a Educação a Distância poderia trazer para um país com a dimensão que tem o

Brasil. A partir do ano de 1990 a EAD começa a ganhar mais força com projetos pedagógicos de âmbito nacional, abrindo um espaço maior no cenário da educação brasileira, sendo a televisão o principal meio dos primeiros grandes projetos.

Em 1996, a EAD é concebida em lei no artigo 80 com a LDB nº 9394/96, oferecida como uma alternativa de formação regular. Logo depois, a EAD foi legitimada como modalidade válida e equivalente para todos os níveis de ensino, como demonstrado nos artigos 80 e 87 e pelo Decreto nº 2494/98, que regulamenta o artigo 80 da lei supracitada. A partir deste momento, passaram a aparecer os primeiros cursos de mestrados estabelecidos com o uso de videoconferências, oferecidos pela Universidade Federal de Santa Catarina. Esses cursos visavam atender a demanda de empresas, onde as metodologias dos cursos eram organizadas com o uso da tecnologia digital e interatividade em áudio e vídeo. Essas técnicas foram desenvolvidas, a princípio, pelas universidades públicas e, a partir delas, passaram a formar profissionais ligados na área de pesquisa EAD.

A Educação a Distância tem em sua finalidade e por definição desenvolver a interatividade e formar profissionais motivando suas habilidades. Tais características exercem fundamentos importantes que fazem surgir conhecimentos específicos onde, normalmente, os grupos são apresentados de forma heterogênea, favorecendo a uma aprendizagem mais abrangente e eficaz. Portanto, faz necessário, por parte do formador, uma preparação mais exigente e cuidadosa de todos os materiais disponíveis.

Nesta fase de inicialização e aprimoramento dos cursos EAD foram marcados, por experiências de todos os tipos, com a introdução dos recursos metodológicos que já havia disponíveis com videoaulas, materiais impressos, tutoria e professor com conteúdos prontos, mas também com a introdução de tecnologias capazes de criar ambientes virtuais de aprendizagem com interação síncrona e assíncrona, além de gerar meios de ofertar cursos EAD para todo território nacional.

Em 1998, inicia-se a oferta de cursos de pós-graduação *latu senso* via internet, ocorrendo um aumento significativo dessa modalidade em todo país. Devido à grande demanda e oferta dos cursos a distância de graduação e pós-graduação, as instituições de ensino superior procuraram estabelecer uma certificação oficial para atuar em EAD. Nessa perspectiva, o Ministério da Educação (MEC) resolve elaborar um conjunto de medidas como documentos que normatizam e estabelecem parâmetros de qualidade para implantação desses cursos.

Nos últimos anos, de forma bastante acelerada, grandes mudanças significativas ocorreram no Ensino a distância, demonstrando ser um dos principais métodos educacionais da atualidade para o ensino superior e de grandes possibilidades futuras. Neste tempo, pode-se notar um grande avanço, principalmente, na criação de mecanismos para a certificação de instituições que trabalham com EAD. Fornecendo às instituições base legal para a modalidade, além de análises e autorizações de cursos com o desenvolvimento de pesquisas que culminaram em modelos pedagógicos e tecnológicos que levaram o Ensino a Distância ao patamar de qualidade, superando e consolidando no país.

A EAD, atualmente, reflete nas mudanças sociais e econômicas, incrementada pela evolução tecnológica da informação, onde estudos recentes revelam a comprovação de que o crescimento econômico e a competitividade das economias mais avançadas dependem primordialmente da capacidade para inovar nos produtos e nos processos e que esta capacidade está baseada num elevado nível de conhecimentos profissionais dos trabalhadores (MEC/CIDEAD, 1995). Desde então, as mudanças mais viáveis do século encontraram na Educação a Distância uma alternativa, traduzida numa opção às exigências sociais e pedagógicas, contando, é claro, com o apoio das novas tecnologias da informação e da comunicação.

A essas transformações foram desenvolvidas técnicas indispensáveis para o funcionamento dessa grandiosa engrenagem, proporcionando uma alternativa de qualidade para aqueles que não têm a possibilidade de acesso à educação presencial, quer seja por falta de tempo ou por não possuir uma Universidade em sua região. A EAD permite no seu desenvolvimento educacional um atendimento mais individualizado, oferecendo aos acadêmicos mecanismos para se manifestarem, especificamente, através dos recursos da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC), com Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e com o atendimento de tutoria a distância e presencial. Esses instrumentos foram peças fundamentais para o processo e sucesso da Educação a Distância.

2 PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM AÇÕES DO ENSINO A DISTÂNCIA

Silva (2003) aponta a EAD como uma exigência da sociedade da informação e da cibercultura. É importante ressaltar que a Educação a Distância possui algumas especificidades, onde os discentes, em seus estudos, utilizam de materiais auto-instrucionais e individualizados, fazendo com que estudem a partir de seus esforços e por conta própria. Esse método faz com que o acadêmico aprenda a aprender, desenvolvendo habilidades de independência e iniciativa. Através desse ponto de autonomia e com uma didática própria é que passam a nortear a aprendizagem, respeitando as diferenças individuais e preferências por local e tempo para o estudo sem prejuízos para aprendizagem.

Segundo Vidal e Bessa Maia (2010), existem algumas ações que norteiam a EAD e são definidas por alguns princípios. Dentre eles, a Contextualização é vista como:

Seguindo a legislação educacional brasileira, “Ead - Educação à Distância,” é uma forma de ensino que possibilita a aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de informação. (VIDAL e BESSA MAIA, 2010, p.37).

Educação a Distância representa uma alternativa para a democratização do ensino, estabelecendo oportunidades de aprender, onde podemos destacar, em especial, aqueles que vivem em regiões distantes dos grandes centros urbanos, consideradas isoladas. Para Vidal e Bessa Maia (2010), a flexibilidade é um dos princípios que norteiam as ações na EAD. Analisando esse princípio, discorre o processo de se permitir mudanças, não só para os professores, mas também para os acadêmicos. Essa possibilidade permite aos participantes do ensino-aprendizagem promover interações mais aprofundadas em determinado assunto, além de proporcionar maior integração diante das tecnologias de informação e comunicação.

Para Berrenechea (2001), as aulas na EAD estão organizadas dentro de um espaço pedagógico chamado material didático. Com isso elas oferecem maior flexibilidade para que cada acadêmico planeje os seus estudos sem estar condicionados a uma estrutura sequencialmente presa aos parâmetros da presencialidade. Contudo, esse tipo de aprendizado garante uma maior flexibilidade ao acadêmico, pois permite transitar por entre as

¹De acordo com Silva (2003), a cibercultura é um novo espaço de comunicação, sociabilidade, organização, informação de conhecimento e, claro, de educação.

atividades de acordo com suas próprias necessidades e ritmo pessoal de leitura e aprendizagem.

Outra ação importante na EAD, segundo Vidal e Bessa Maia (2010), é o princípio da diversificação. Nesse caso, a Educação a Distância proporciona variadas atividades e materiais que permitem diversas formas de aprendizagem. Tais formas são flexibilizadas através de atividades que estimulam os acadêmicos e professores e ainda possibilitam o acesso de novos públicos em locais distantes e dispersos geograficamente. Como afirma Zamudio (1997), as fontes de informações são bem mais diversificadas, onde o professor tem o papel fundamental de estimular novas formas de experimentação e criação dos acadêmicos.

Hoje é possível que pessoas se comuniquem a qualquer hora e de qualquer lugar, trocando informações, dados e desenvolvendo pesquisas para solucionar problemas simples e de alta complexidade. Contudo, para que o aprendizado tenha sucesso, Zamudio (1997) sugere que os materiais pedagógicos produzidos devem estar acessíveis, a consulta deve ser fácil, o professor deve introduzir o conhecimento progressivamente, favorecendo a compreensão, a análise e a aplicação do conteúdo a ser trabalhado.

O princípio de abertura é outra ação norteadora na EAD por Vidal e Bessa Maia (2010). Esse princípio permite que o acadêmico administre seu tempo e espaço conforme os prazos pré-estabelecidos pelos professores formadores, propiciando a autonomia do acadêmico. Seguindo essa visão, é importante frisar que o acadêmico desta modalidade de ensino possui características diferenciadas e próprias que são necessárias para estimular a percepção e a cognição com a finalidade de fixar sua atenção por longos períodos de estudos.

A EAD é entendida como modalidade de ensino com características específicas que permite criar espaço para gerar, promover e implementar situações em que acadêmicos e professores aprendam constituindo-se como traço distintivo a mediação das relações entre os formadores e os acadêmicos. (LITWIN, 2001, p.14).

Assim, o conceito de aprendizagem, nessa concepção, é permeado por três princípios centrais: interação, colaboração e autonomia: Na interação, a participação do acadêmico é essencial para a evolução da interatividade. Para que ocorra aprendizagem efetiva em EAD é fundamental utilizar as ferramentas de comunicação disponíveis para facilitar a interação entre acadêmico-professor e professor-acadêmico. Esta interação é feita com as diversas relações entre os indivíduos participantes da aprendizagem com o auxílio dos aparatos tecnológicos que, sendo usados de maneira adequada, viabilizará para formação de comunidades que compartilham conhecimentos, instituindo um processo de natureza social e democrática.

Para Moore (2010), a eficácia da EAD depende necessariamente da compreensão da natureza da interação que acontece entre acadêmico-conteúdo, acadêmico-instrutor e acadêmico-acadêmico, e de como facilitá-la por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Na EAD, são disponibilizados muitos recursos que favorecem a interatividade, contudo não garantem se a interação dos acadêmicos será qualificada. Portanto, a qualidade da interação do acadêmico nesta modalidade, para a conquista do objetivo do curso, está diretamente vinculada ao papel dos professores e tutores. Nesse caso, é fundamental que estes fiquem atentos às colocações particulares e coletivas dos acadêmicos, para que escolham estratégias corretas e façam intervenções pedagógicas adequadas, já que o público EAD é bastante heterogêneo.

Nesse sentido, as TICs oferecem recursos diversos à comunicação humana, contribuindo para a revolução da informação e formação de relacionamentos num contexto partilhado.

A aprendizagem colaborativa permite uma sincronicidade na construção de conceitos, que implica a utilização de ambientes interacionistas, desenvolvidas através de comunicações de diferentes níveis de conhecimento, a tomada de decisões em grupo e a realização de tarefas conjuntas facilitam a aprendizagem. (MARTINS, 2002, p, 38).

Através da aprendizagem colaborativa que os acadêmicos têm a oportunidade de discutir, argumentar, apresentar seu ponto de vista e ouvir os dos colegas. Assim, por meio dessas interações colaborativas, o acadêmico pode refletir e construir sua própria autonomia. A relação dos acadêmicos e professores, compartilhando ideias, trabalhando em grupo com o objetivo de adquirir novos conhecimentos, torna o aprendizado mais construtivo e mais autêntico. Com os recursos utilizados no computador fica também mais flexível o entendimento e muito mais organizado as mais diversas atividades, propiciado pela criação de ambientes ricos, motivadores que fazem acontecer às ações colaborativas.

A aprendizagem autônoma pressupõe independência e flexibilidade. É quando os acadêmicos são compreendidos como seres autônomos, gestores de seu processo de aprendizagem, capazes de auto-dirigir e auto-regular (BELLONI, 1999). Os sistemas de EAD objetivam promover a aprendizagem de um conteúdo, como também capacitar o "aprender a aprender" e o "aprender a fazer", de forma flexível, autônoma em relação ao tempo, espaço, ritmo e método de aprendizagem (MEDEIROS; FARIA, 2003).

A autonomia nesta modalidade EAD está caracterizada pelo ato do acadêmico disponibilizar o seu espaço e tempo dentro dos limites pré-estabelecidos pelo professor. Essa disponibilização recai sobre a responsabilidade do acadêmico em determinar seu tempo para as atividades, no qual dispõe de algumas vantagens como a de compatibilizar o horário de estudo como o de trabalho, de lazer e muitos outros afazeres pessoais. Além de determinar seu local de estudo, reduzindo custos, escolhendo um local mais tranquilo e agradável, facilitando no seu aprendizado.

O conhecimento é visto como o resultado de construções autênticas com aberturas sucessivas para novas possibilidades e é constituído por cada indivíduo em interação com seu ambiente e organizado pela associação de elementos, possibilitando as estruturas cognitivas integrarem-se em sistemas coerentes. (COLL, 1996, p. 63).

No entanto, o professor tem como função efetivar o papel da interação do sujeito com o objeto a ser conhecido, pois o conhecimento é um processo de intervenção e descoberta. O acadêmico é sujeito ativo que interage com o ambiente, construindo e organizando seu próprio conhecimento, sendo assim, a interação entre sujeitos e entre sujeito e objeto é o centro do processo de ensino e aprendizagem e das relações interpessoais. Segundo a Teoria Vygotskiana, toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem que traz consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito.

Portanto, para que de fato aconteça essa troca de experiências e de conhecimentos na modalidade de ensino a distância, o professor precisa estar seguro quanto a sua conceitualização e dispor de ajuda para mediar junto ao acadêmico da crescente organização deles, em sua individualidade e em grupo para que possam construir conhecimentos a partir da interação, de forma crítica, criteriosa e tomando por referência todas as ações realizadas e as que estão sendo realizadas, analisando o contexto onde se dá a relação dos sujeitos e objetos de conhecimento, promovendo a interação e o desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa e cooperativa.

2.1 A importância da Internet para EAD

O ensino a distância surgiu bem antes da chegada da internet onde eram oferecidos cursos, principalmente, por correspondência. Com o passar dos tempos avanços tem acontecidos na educação e no ensino a distância, mas foi com o advento da internet que o modelo de Educação a Distância ganhou proporções gigantescas. Portanto, a internet tem uma importância muito grande em relação ao crescimento dessa modalidade de ensino, principalmente quando analisamos os principais benefícios que ela trouxe para o ensino a distância.

A internet está criando algumas expectativas aparentemente democráticas em todas as áreas de conhecimento que fizeram deste instrumento uma das ferramentas sobre as quais gira grande parte das inovações educativas que utilizam tecnologias. (FRUTOS, 1998, p. 314).



<http://www.moodlelivre.com.br/images/stories/EAD.jpg>

Em primeiro lugar temos o favorecimento na redução de custos para as escolas, para os acadêmicos e professores. Os gastos com custos operacionais se tornavam, às vezes, inviáveis para alguns acadêmicos e isso acabava se tornando uma barreira para o crescimento da educação no Brasil. Agora com a internet, podemos observar nas escolas e, principalmente, nas universidades um aumento significativo na melhora dos rendimentos educacionais. Conseguindo baixar custos, através de medidas em que um professor possa dar aulas a muito mais acadêmicos ao mesmo tempo, sem ocupar espaço físico das instituições com salas, cadeiras, equipamentos e outros, fazendo reduzir custos e favorecer, assim, aos acadêmicos, professores e instituições educacionais.

Sua importância está, sobretudo, em suas aplicações fora das salas de aula, na antecipação dos problemas do cotidiano, na preparação dos indivíduos para incorporação das mudanças, para um pensar mais criativo e científico em suas vidas, para a horizontalidade dos processos de comunicação interpessoais, para o desenvolvimento de novas parcerias e mudanças de valores. (MEDEIROS, 2002, p.58).

Um fator importantíssimo é o modo interativo que a EAD tem proporcionado. Com a internet o ensino a distância pode reproduzir, praticamente, uma sala de aula presencial, onde o foco está diretamente ligado com a comunicação expressada através da interatividade. Dentre esses modelos interativos estão os fóruns, as salas de bate papo, as videos-aulas, wiki que são as escritas colaborativas, as atividades e avaliações online, além de criativos métodos que impulsionam a interatividade dos acadêmicos e as trocas de conhecimentos entre acadêmicos e/ou professores etc.

Com o advento da internet e da banda larga, o oferecimento dos cursos EaD tornaram-se viáveis na graduação e na pós-graduação. Atualmente, mais de 93% dos cursos de graduação e pós de EaD utilizam a internet como principal meio de ensino. O uso de vídeos online está presente em mais de 57% das instituições, sendo que em 52% delas a transmissão comporta interatividade entre estudantes e professores. (POLAK, 2008, p.77).

Sem dúvida que a internet trouxe um grande crescimento para o ensino a distância e vários benefícios importantes para o seu sucesso com o modelo interativo de ensino onde a internet pode maximizar o ensino com ferramentas essenciais para o seu crescimento. Outro ponto importante é o retorno da classe trabalhadora à

escola, onde dá a oportunidade para muitos que não tinham a possibilidade de estudar devido à família e ao tempo de trabalho. Segundo Menezes (1998), a internet tem possibilitado o desenvolvimento de metodologias educacionais que favorecem os processos interativos do acadêmico com o professor e a organização educacional, ampliando a flexibilidade e a acessibilidade.

A internet permite uma realidade em que vários vetores de comunicação sejam utilizados simultaneamente, onde todos podem se interligarem através da conexão em rede, além de transmitir o fluxo de documentos em diversos formatos como: pdf, doc, fotos, gráficos, vídeos e muitos outros. E ainda permite organizar e controlar o fluxo com os softwares de trabalho colaborativo, com a aprendizagem colaborativa e o gerenciamento. Dessa forma os participantes têm a oportunidade e possibilidade de interação bastante diversificadas e ampliadas. Além disso, o ensino a distância tem uma grande vantagem de poder reunir diversas mídias num único meio de comunicação, a internet.

Todo esse processo educacional, utilizando as novas tecnologias, principalmente, aquelas utilizadas de forma estratégica, incorporando novas formas de comunicação, serviram para eliminar barreiras na aprendizagem, rompendo a larga distância geográfica, intelectual e econômica entre os participantes do ensino-aprendizagem, sendo a internet a principal tecnologia de informação e comunicação que integra as atividades educativas e instrucionais nos programas de ensino a distância.

O Ensino a Distância, ao longo do tempo, sofreu várias modificações e transformações em relação à interação e à comunicação. E a internet veio para somar e facilitar todo esse processo de interatividade, visto que possibilitou integrar uma gama de recursos virtuais de ensino disponível no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Para Reis (2010), é na educação a distância que esses ambientes têm produzido maiores impactos, derrubando barreiras espaço-temporais e propiciando a construção coletiva do conhecimento.

A ideia básica de educação à distância é muito simples: acadêmicos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam. Estando em locais distintos, eles dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informações e lhes proporcionar um meio para interagir. (MOORE e KEARSLEY, 2010, p.86).

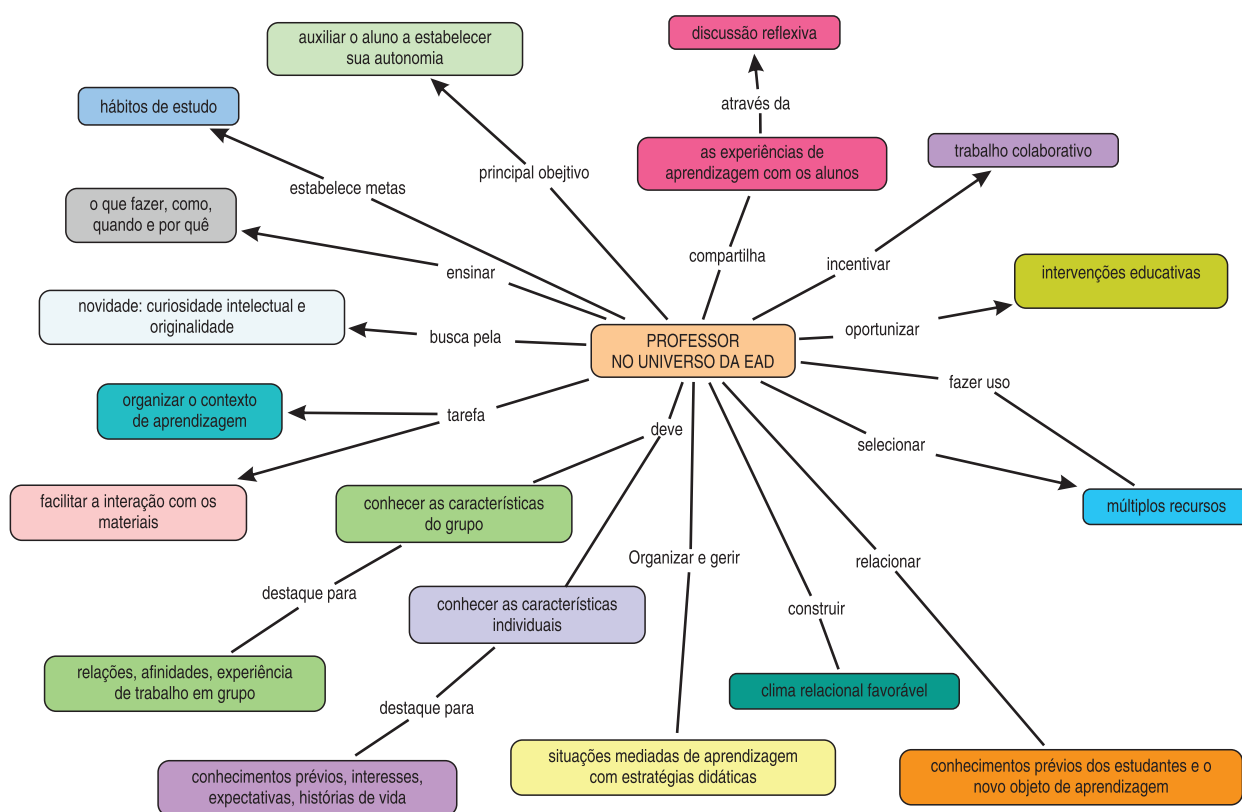
A Educação a Distância tem proporcionado oportunidades de estudos para pessoas que moram em regiões distantes dos centros urbanos e áreas de difícil acesso, onde hoje os estudos podem chegar sem precisar de muito investimentos públicos no local. Algumas faculdades têm colaborado para o grande crescimento da EAD, devido aos baixos custos das mensalidades, que favorecem milhares de pessoas de baixa renda, além de programas do governo como a UAB (Universidade Aberta do Brasil), que tem ofertado variados cursos de graduação para a população. Outro ponto importante é demonstrar a relevância do ensino a distância para as classes trabalhadoras que, por falta de tempo ou pela impossibilidade de conciliar trabalho, família e escola, acabam não concluindo um curso superior, ficando apenas com o ensino médio. Com a EAD, essas pessoas têm a possibilidade de concluir o curso superior, elevando sua capacidade de inclusão no mercado de trabalho, frente ao mundo competitivo e complexo de hoje.

Sem dúvida que a internet vem proporcionando grandes mudanças na educação, visto que, a EAD se tornou um dos principais recursos de mediação. Esse sistema, aos poucos, vem se destacando e trazendo uma educação de qualidade e mais acessível às diversas camadas da sociedade contemporânea. Fica evidente a importância da Educação a Distância para o século XXI. Essa nova forma de ensino aberto, para uma sociedade diferente, de costumes diversificados, economia modificada e cultura heterogênea, tem em sua essência a capacidade de democratizar o acesso ao ensino superior. Essa modalidade de ensino, junto à internet, vem

demonstrando ser capaz de atender a todos os níveis de capacitação seja na área de capacitação profissional ou seja na área educacional, proporcionando o desenvolvimento junto com o crescimento do país.

3 O PAPEL DO PROFESSOR/TUTOR NA EAD

O fluxo de informações e as transformações tecnológicas na sociedade vigente exigem um ensino de qualidade em que os profissionais mais envolvidos com a educação apresentem habilidade e competências pertinentes para o bom desempenho dos alunos a partir da troca de conhecimentos, reconhecimento das potencialidades individuais, bem como a necessidade de auto-avaliação, formação continuada e o desenvolvimento significativo do ensino aprendido que possibilite a inserção no mercado de trabalho e ascensão profissional.



Mapa do Professor na Ead

Na modalidade de ensino a distância, a reflexão sobre mediação pedagógica agita os pensamentos de todos envolvidos com as diversas modalidades de educação, pois é algo sujeito às críticas, questionamentos, dúvidas, resistências e até mesmo a negação. Sendo assim, é pertinente conhecer e refletir o Artigo 39 que consta na Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, onde afirma que:

A modalidade de Educação a Distância caracteriza-se pela mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem que ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares e tempos diversos.

Assim, percebe-se que para construirmos conhecimentos é essencialmente necessário perpassar pelo processo do aprender e ensinar, possibilitando uma aprendizagem significativa que irá ocorrer a partir da

mediação pedagógica e dependerá de todos envolvidos nesse processo. Belloni (2008, p. 54), em seus escritos, afirma que “a educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a mediação de algum tipo de meio de comunicação como completo ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os estudantes”. O professor/aluno é responsável por essa mediação e segundo, Valente (2010, p.21), os sujeitos da coletividade devem estar atentos ao seu papel individual e social, tomando por referência comportamentos/atitudes como:

Reflexão sobre as ações realizadas e em realização; Atenção ao contexto onde se dá a relação entre os sujeitos e entre sujeito e objeto de conhecimento; Promoção da interação, favorecendo a relação/experiências situadas no convívio social; Desenvolvimento da aprendizagem colaborativa e cooperativa; A dialogicidade que é uma ação que se dá entre sujeitos, e/ou entre sujeito e a realidade. VALENTE (2010, p.21)

Todavia, o ensino e aprendizado desenvolvidos na modalidade de Educação a Distância (EAD) possibilitam o uso de diversas ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas que, conseqüentemente, proporciona a interação entre os participantes de um curso ou disciplina virtual. Sendo assim, é evidente que essa interação é responsável pela construção de Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Consta nos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007, p.9) que:

O uso inovador da tecnologia aplicado à educação, e mais especificamente, à educação a distância deve estar apoiado em uma filosofia de aprendizagem que proporcione aos estudantes a oportunidade de interagir, de desenvolver projetos compartilhados, de reconhecer e respeitar diferentes culturas e de construir o conhecimento.

O uso das Tecnologias de Comunicação e Informação (TCI) na EAD reorganiza o processo educativo, deixando de lado algumas características da educação presencial, mas considerando a pertinência dos elementos fundamentais como os conteúdos, metodologia, avaliação e concepção pedagógica que norteiam a construção de conhecimentos com a participação de todos, utilizando como principal mediador tecnológico os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que possibilitam a comunicação, a interação e a mediação entre os usuários através da disponibilidade de espaços de aprendizagem. Campos (2004, p.46) afirma que:

[...] a ação docente caracteriza-se por uma prática comunicativa. A ação em si desta comunicação forjada no diálogo, não é científica, esta ação é eminentemente prática. O diálogo ou a comunicação que se estabelece entre professor e aluno é o elo de mediação que permite a troca de conhecimento.

O diálogo é uma das principais estratégias de ensino aprendizado, pois fomenta a interação e troca de conhecimentos seja na educação presencial ou a distância. No entanto, para promoção dialética na EAD, é necessária a maturidade de docentes e discentes em relação ao estudo autônomo e a construção do seu próprio conhecimento, sendo os responsáveis por uma aprendizagem significativa pautada na “dialogicidade”.

Barros (2003, p. 35) afirma que:

De um lado, a valorização do aluno como responsável pelo seu aprendizado é essencial, mas, por outro, não se reduz exclusivamente ao aluno. O atendimento por um professor tutor (sua função é orientar o aluno, esclarecer dúvidas relativas ao estudo da disciplina por que é responsável) e os meios por que isso se desenvolverá são essenciais para o processo educacional.

A EAD oferece diversas ferramentas (chat, fórum, blog, wiki, encontros nos pólos de apoio presencial, entre outras) que são primordiais para uma aprendizagem que considere pertinente à análise crítica e interpretativa do ensino a distância. No entanto, para que essas ferramentas sejam viáveis, é preciso promover a independência e flexibilidade dos alunos com auxílio da mediação pedagógica do professor tutor.

4 AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Ao tratar dos ambientes virtuais de aprendizagem, vale ressaltar um pouco do contexto etimológico. Houve um significativo progresso no trabalho realizado com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). A aceitabilidade por parte dos educadores aumentou e também a credibilidade na utilização das mesmas. Uma considerável possibilidade como ferramenta de aplicação é a escrita colaborativa, uma vez que a troca de participações enriquece a aprendizagem.

Digitalizada, a informação se reproduz, circula, modifica e se atualiza em diferentes interfaces. É possível digitalizar sons, imagens, gráficos, textos, enfim uma infinidade de informações. Nesse contexto “a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social” (CASTELLS, 1999, p. 505).

Percebe-se, na atualidade, que o Ensino a Distância é mister na utilização dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA's), através dos quais, munidos de ferramentas síncronas e assíncronas, como correio eletrônico e mensagens instantâneas, fóruns e salas de bate-papo, bem como o acesso a links que disponibilizam mídias diversas.

Não basta apenas criar um site e disponibilizá-lo no ciberespaço. Por mais que o mesmo seja hipertextual é necessário que seja interativo. É a interatividade com o conteúdo e com seus autores que faz um site ou software se constituir como um AVA. Para que o processo de troca e partilha de sentidos possa ser efetivo poderemos criar interfaces síncronas a exemplo dos chats ou salas de bate papos e assíncronas a exemplo dos fóruns e listas de discussão. Podemos contar também com os blogs que, além de permitir comunicação síncrona e assíncrona, agregam em seu formato hipertextual uma infinidade de linguagens e forma de expressão (SANTOS, 2003, p. 9).

Os instrumentos pedagógicos utilizados também nos cursos presenciais com frequência são: Áudio, textos, audiovisuais (vídeos) multimídia e hipermídia. Tais recursos enriquecem o potencial de informações e viabilizam a construção do conhecimento, bem como uma aprendizagem significativa.

Creio que há três campos importantes para as atividades virtuais: o da pesquisa, o da comunicação e o da produção. Pesquisa individual de temas, experiências, projetos, textos. Comunicação, realizando debates off e on-line sobre esses temas e experiências pesquisados. Produção, divulgando os resultados no formato multimídia, hipertextual, “linkada” e publicando os resultados para os colegas e, eventualmente, para a comunidade externa ao curso. (MORAN, 2007, p.99)

O AVA apresenta softwares nos cursos EAD para facilitar o acesso via internet. Dirigidos aos professores na mediação dos conteúdos e na gerência de cursos, permite acompanhar a participação dos alunos e uma



ressignificação pedagógica do ensino-aprendizagem. Na EAD, o AVA mais acessado é o *Modular Object Oriented Distance Learning* (MOODLE) por possuir acesso livre.

A EAD depende da tecnologia, por isso a enfatiza. As características específicas das TIC's, entre as quais a interação multidirecional e síncrona, a busca, a reorganização de dados, por exemplo, são elementos que permeiam a modalidade atualmente. É fundamental, portanto, ensinar sobre ela com a mediação de recursos tecnológicos, incluindo estudos e práticas sobre o uso dos mesmos. Assim, os ambientes virtuais promovem o experimentar, o vivenciar, o refletir e o discutir sobre o que se busca para melhorar o ensino-aprendizagem.

Ao abordar sobre os ambientes virtuais, torna-se evidente falar um pouco da origem da palavra "virtual". Segundo Okada (2004), a palavra virtual vem do latim medieval 'virtualis', que é derivado de *virtus*, que significa força, potência. Comumente a palavra virtual é utilizada para representar algo que não existe que não é real, "algo fora da realidade, o que se opõe ao real".

O que é o virtual, que o virtual não se opõe ao real e sim ao atual. Virtual é o que existe em potência e não em ato. Assim, nem tudo que é virtual se modernizará. Direcionando essa ideia para a contemporaneidade da educação, podemos afirmar que quando interagimos com outros sujeitos e outros objetos, evidenciando uma metodologia significativa, estaremos virtualizando e ao mesmo tempo atualizando toda a ação. Porém, fica em evidência ressaltar que o atualizar é uma prática que surge sempre de um determinado problema, buscando uma solução e a prática de virtualizar decorre de uma solução dada a outro problema. (Levy, 1996).

Entretanto, afirma-se que um ambiente virtual é um espaço inesgotável de significação, onde seres humanos e objetos interagem; valorizando, assim, a formação de conhecimentos, consequentemente a aprendizagem. Diante de uma gama de redes sociais, na utilização da internet sem fronteiras, as pessoas se comunicam, se conhecem, buscam interesses peculiares, colaboram, constroem laços afetivos e, porque não, de conhecimento? A disseminação da informação produz aprendizados, daí então, surgem os AVA's com propostas que vão de virtuais e até presenciais, que dinamizam as aulas, quebrando paradigmas tradicionais.

Enquanto que nos AVA, as características associadas ao conteúdo, como linguagem, interatividade, navegação, arquitetura da informação e design gráfico influem mais na percepção do usuário, nos SGA, por sua vez, a atenção está mais voltada para a seleção e configuração das ferramentas a serem utilizadas em um determinado curso ou disciplina. (...) Uma vez realizadas as configurações, selecionadas as estratégias de comunicação e de aprendizagem, informadas e declaradas essas estratégias aos participantes, preenchidas as ferramentas com conteúdos pré-definidos e ativado o "curso", pode-se afirmar que o conjunto forma um AVA. (HAGUENAUER et al, 2009, p. 19)

Nesse contexto, contemplar os AVA's é gerar processos de inclusão digital que contribuam para alavancar a construção do conhecimento e aprendizagem colaborativos. Um repensar sobre como lidar com os AVA's é criar um elo orgânico entre os momentos de interação virtual e presencial. Assim, será viável transformá-lo em uma rede social educacional na qual se efetiva a produção do conhecimento com fundamento no diálogo, quer seja a distância, quer seja presencial.

Em linhas gerais, pode-se conceituar uma atividade em AVA, no âmbito dos cursos

semipresenciais, como sendo uma atividade realizada em ambiente virtual, motivadora e significativa, relacionada ao domínio da disciplina, baseada na utilização de recursos virtuais (vídeo, links externos, acesso a banco de dados, entre outros) e/ou físicos (biblioteca, laboratórios, pesquisa de campo, entre outros) para sua execução. O essencial nas atividades em AVA, em relação à semi presencialidade, é que elas sejam resgatadas em sala de aula presencial, conectando seu significado às habilidades, competências e atitudes exigidas da disciplina (ARAÚJO & MARQUESI, 2009, p. 363).

Evidentemente não se pode analisar os AVA's apenas como ferramentas tecnológicas. Faz-se necessária uma avaliação do currículo, bem como a aprendizagem utilizada por todos os envolvidos na comunidade de aprendizagem. Encontramos no ciberespaço, comunidades que utilizam o mesmo AVA com uma infinidade de práticas pedagógicas e comunicacionais. Essas podem ser instrucionistas e/ou interativas e cooperativas.

Percebendo as potencialidades dos AVA's, que são distribuídos pelo mundo inteiro no ciberespaço, entendemos que é essencial que os problematizemos tecnologicamente e também como sustentáculo. Porém, proporcionando a contemplação do acesso de todos à informação e, sobretudo ao conhecimento. Portanto, para a utilização desses é preciso que sejam oportunizados os recursos para tal. Surge a necessidade de implantação de políticas de democratização do acesso às tecnologias, visto que se enfrenta aí uma grande problemática social, principalmente no âmbito educacional, salientando e enfatizando o desenvolvimento de educadores e educandos na aquisição de conhecimentos tecnológicos, em qualquer nível de ensino.

Portanto, fica a conscientização dos desafios que nos são lançados para que possamos proporcionar ações e metas na implantação de políticas públicas direcionadas às produções e socializações de interconexões que elevem as interações dos sujeitos envolvidos, oportunizando situações para que estes se sobressaiam diante das exigências que surgem no ciberespaço, bem como nos Ambientes Virtuais. A utilização das tecnologias avança e proporciona um novo olhar para o processo ensino aprendizagem vinculado ao mundo globalizado. Em decorrência desse crescimento acelerado das informações é preciso que os sujeitos busquem um aperfeiçoamento que perpassa o conhecimento.

A difusão dos AVA's em alta escala como forma de melhorar a participação dos envolvidos no processo educacional desde que haja disponibilidade de ferramentas onde todos possam interagir, cooperar e colaborar para a aprendizagem fluir. A cultura digital ou midiática amplia a comunicação e aguça a leitura exploratória cabendo aos mediadores conduzi-los os alunos no sentido de valorizar o que é vivenciado no dia a dia como as conversas no Facebook e MSN como forma de trazer novas experiências para a construção do conhecimento e particularmente os conteúdos da Matemática.

Ao lançarem seus experimentos, os alunos recebem automaticamente compartilhamentos e comentários e, nessas conversas monitoradas, eles sentem o prazer de colaborar, opinar e gerir o crescimento cultural e digital dos cidadãos ao demonstrarem habilidades e vivências que auxiliam a aprendizagem colaborativa. Motter (2009, p.35) indica a mídia como fornecedora de elementos para a vida cotidiana e "irradia para a sociedade um saber, sobre o mundo que produz memória". No entanto, relacionar comunicação e educação pode ser considerado fácil se verificarmos a fusão das duas.

² Facebook é um site e serviço de rede social que foi lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc.

³ MSN Messenger é um programa das mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet.

Do ponto de vista Freiriano a educação como prática da liberdade - é feita das cognições e relações entre os sujeitos. O professor passa a ser o mediador e não mais o detentor de conteúdos. Dessa forma, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem são exemplos de ferramentas cognitivas para o aluno, pois permite aos utilizadores construir e interpretar situações do mundo real para a assimilação e organização do conhecimento. Duas teorias se destacam como básicas para o desenvolvimento, seleção e uso dos ambientes virtuais na educação: uma com base behaviorista e outra com base construtivista.

Enquanto a visão behaviorista destaca o professor como transmissor e apresentador dos AVA's e o aluno recebe as informações, a visão construtivista contrapõe como sendo desenvolvida com base em experiências da vida real e isto significa interagir com as informações dos ambientes tornando possível a aprendizagem colaborativa. Magalhães (2001) destaca que o AVA pode ser uma ferramenta muito útil na aprendizagem. Através de ferramentas mentais ou cognitivas, o aprendiz, dentro de um contexto real, constrói seu conhecimento de uma forma intelectual (crítico, criativo e pensamento de alta ordem) e social (cooperação).

Nas assertivas de Palloff e Pratt (2002 p. 45), os ambientes virtuais de aprendizagem nascem da necessidade de satisfazer algumas condições como:

Objetivos comuns a todos os membros; - centralização dos resultados a serem alcançados; - igualdade de direito e de participação para todos os membros; - professores que assumam o papel de orientadores e animadores da comunidade; - aprendizagem colaborativa; - criação ativa de conhecimentos e significados de acordo com o tema de interesse na comunidade. Palloff e Pratt (2002 p. 45)

As probabilidades de conexão virtual através da interação, da cooperação e da colaboração on-line remetem à coexistência de diferentes usuários ultrapassando distâncias geográficas compartilhando subsídios ao manusearem elementos no ambiente. Um sistema (groupware) que lida com abundância de pessoas engajadas em uma determinada atividade comum ou virtual. Onde é acessível às pessoas ouvirem e enviarem mensagens umas às outras torna eminente a cooperação.

A colaboração implica a concretização de tarefas, através de ajuda mútua. E essa reciprocidade conduz o desenvolvimento e a conectividade de todos envolvidos. A detenção do saber deixa lugar para a correspondência e circulação das informações. Alguns problemas são detectados em relação às técnicas de mediação em relação à autoria, colaboração e autonomia.

Quanto aos professores, os métodos presenciais convergem para o ambiente on-line como uma atividade, na maioria das vezes, instrucionistas apesar de alguns desses profissionais apresentarem uma descrença nas probabilidades pedagógicas de um AVA, aproveitando-o, exclusivamente, por influência institucional. Então, é importante que professor e aluno estejam em imutável processo de concepção das práticas pedagógicas com ênfase no uso das tecnologias.

Em consonância com Laplane (2000, p.60), "As interações podem ser eficazes ou ineficazes". Vale ressaltar que nos períodos em que há o sigilo em relação às palavras, mas havendo uma dicção corporal ou as transmissões compreendidas como contrárias existe um formato de intercâmbio almejado, preestabelecido pelo sujeito e, muitas ocasiões, acolhida pelo outro.

Os AVA's possuem interconexão de simples emprego por gerenciadores, docentes e estudantes, próprio

⁴ Groupware é um software que apoia o trabalho em grupo, coletivamente. Skip Ellis o definiu como um "sistema baseado em computador que auxilia grupos de pessoas envolvidas em tarefas comuns (ou objetivos) e que provê interface para um ambiente compartilhado".

para os mais inábeis. Cabe ao professor decidir sobre o espaço indicado, em ajuste com as características dos alunos, as necessidades de interação e diálogo, de convenção em cada contexto oportuno. As tecnologias de informação e comunicação têm avançado em todos os setores da sociedade, ocorrendo, simultaneamente, às mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. Habitualmente, convivemos com a presença constante das tecnologias, sendo fundamentais para a conduta humana. No panorama educacional, as novas tecnologias de informação e comunicação, as TICs, ganham espaço e evoluem cotidianamente.

Atualmente, a sociedade se deixa envolver progressiva e aleatoriamente pelos elementos tecnológicos oferecidos. Dessa forma, é preciso emitir um olhar crítico para que a sua utilização tenha uma aplicabilidade positiva no âmbito educacional e, como consequência, agregar novas formas de aprimoramento no processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, para tal, é premissa básica que seja realizado, pelos profissionais de educação, um estudo aprofundado da utilização dessas ferramentas, levando em consideração o processo dialógico e interativo que esses recursos requerem, pois conforme Freire (1996), o problema não está em trazer os meios de comunicação para dentro das escolas, mas em saber a quem eles estão servindo. Por isso é preciso pautar o uso das tecnologias em teorias de ensino e aprendizagem que tenham como base a interação, pois os espaços de aprendizagem precisam ter uma forma colaborativa de aprendizagem.

No momento sócio histórico atual, a Educação a Distância destaca-se como processo de ensino e aprendizagem voltado a atingir a emergência da cibercultura e as novas demandas das mais diversas camadas populacionais, possibilitando a inclusão de sujeitos que, historicamente, enfrentaram e ainda enfrentam, além do preconceito social, a falta de condições para submeter-se a horários rígidos e deslocar-se para as instituições de ensino presencial, devido às demandas profissionais e labor em horário integral para garantir a sua subsistência.

As novas exigências no mercado de trabalho obrigam a aquisição de novos conhecimentos, dentre esses o uso de novas tecnologias e habilidades eficientes para maior aproveitamento do tempo e espaço. A modalidade de ensino a distância agrega esses dois fatores; garantindo, assim, a construção de novos conhecimentos e aperfeiçoamento profissional.

5 A POSTURA DOS DISCENTES NO CONTEXTO EAD

A modalidade de ensino a distância exige maturidade estudantil dos discentes, autonomia para construção do conhecimento e assimilação reflexiva dos conteúdos pertinentes à aprendizagem significativa. Neves (1996, p.97), afirma que “a autonomia não é um valor absoluto, fechado em si mesmo, mas um valor que se define numa relação de interação social.” Para a obtenção de um ensino aprendizagem desenvolvido a partir da análise crítica é indispensável à disciplina os estudos necessários para o bom desempenho no curso EAD ao qual o discente está inserido.

Todavia, a maioria dos participantes de cursos na modalidade EAD além de estudarem são pessoas que têm compromisso com atividade profissional e precisam conciliar o tempo, pensando na disponibilidade para os estudos, trabalho e a família. Sendo assim, o



<http://paginas.uepa.br/necad/site/index.php/institucional/sobre-ead-necad>

discente (um dos principais sujeitos do processo educacional) precisa organizar seu tempo designando possibilidades para o desenvolvimento das suas competências e habilidades, bem como a independência do professor tutor (responsável pela orientação/mediação da aprendizagem), iniciativa e autonomia nas atitudes reflexivas do processo de construção do conhecimento e assimilação de conteúdos científicos indispensável para formação científica e tecnológica.

Pensando nessa temática Preti, (2005, p.10), informa que:

Quando um estudante recebe informações que o levam a pensar que o seu sucesso se justifica pela conjugação das suas capacidades com dispêndio de esforço este desenvolve a sua percepção de auto-eficácia, melhora a qualidade de sua execução e, de acordo ainda com a teoria cognitivo-social, eleva o seu estado de motivação.

Ser discente de curso EAD não é algo tão fácil, pois é necessário assumir uma postura que possibilite o controle da sua formação, sendo responsável pelo processo de aprendizagem. No entanto, apesar do aluno realizar seus estudos sozinhos durante quase todo curso, é fundamental compreender a necessidade da interação e colaboração entre todos os participantes do curso, para assim estabelecer a troca de conhecimentos entre professores tutores presenciais, à distância e colegas do mesmo curso que interagem no AVA, através de encontros presenciais nos pólos onde promovem a troca e construção de conhecimentos.

Os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007, p.25) descrevem que, segundo a Portaria Normativa nº 02/2007, § 1º, “o pólo de apoio presencial é a unidade operacional para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância” (grifo nosso). Desse modo, nessas unidades serão realizadas atividades presenciais previstas em Lei, tais como avaliações dos estudantes, defesas de trabalhos de conclusão de curso, aulas práticas em laboratório específico, quando for o caso, estágio obrigatório – quando previsto em legislação pertinente - além de orientação

aos estudantes pelos tutores, videoconferência, atividades de estudo individual ou em grupo, com utilização do laboratório de informática e da biblioteca, entre outras.

Todavia, o discente ao organizar seu tempo para os estudos precisa destinar um período para a participação ativa no AVA e no pólo de apoio presencial percebendo que a responsabilidade, o diálogo, a transparência e cumplicidade são fundamentais para promoção da interação e uma aprendizagem significativa pautada na troca, construção e reflexão crítica de conhecimentos com auxílio das tecnologias de informação e comunicação.

É válido salientar que a EAD possibilita o reconhecimento de que cada aluno tem um ritmo para seus estudos; e, assim, utilizam técnicas e recursos diferentes que favorecem sua aprendizagem. Mas a disciplina e maturidade são indispensáveis no que tange a elaboração de um plano de estudo para sua rotina como estudante, facilitando e auxiliando o bom desenvolvimento das atividades durante todo o curso.

A EAD é um desafio educacional, pois, para o aluno conquistar o sucesso como estudante e no mercado de trabalho ao qual deseja ingressar ou se especializar, depende de persistência, determinação, motivação e condições de estudo em que possa conciliar o trabalho, família e atividades sociais com compromissos provenientes do curso que está inserido, estabelecendo conexões síncronas ou assíncronas para assim



<http://perlbal.hi-pi.com/blog-images/1977168/gd/134057763878/Oque-e-EAD.jpg>

desenvolver habilidades do aprendizado autônomo. A Educação a Distância é uma modalidade de ensino que possibilita a auto-aprendizagem e a autonomia do acadêmico por meios da mediação de recursos didáticos.

Com todas essas mudanças que vem ocorrendo no processo ensino-aprendizagem, não é difícil imaginar a importância da necessidade de um novo significado para a construção dessa nova prática educativa. No entanto, a tecnologia por si só não resolve e nem irá resolver os problemas da educação e tão pouco os sociais, podendo gerar graves distúrbios para a sociedade. Por isso a importância do papel do educador virtual, que orienta e organiza todas as tarefas desse processo de auto-aprendizagem, monitorando e facilitando a comunicação entre os aprendizes.

Segundo Gadotti (2002), o educador deve ter como horizonte um projeto político de sociedade. Nessa perspectiva para ser educador é preciso bastante rigor na metodologia, pesquisa, respeito aos saberes do educando, risco, reflexão crítica sobre a prática, pensar certo, liberdade e autoridade, humildade e amor pelo próximo. Já o educando é um dos eixos fundamentais de todo o trabalho. Para Gadotti (2002), o educando é o sujeito do seu conhecimento. Portanto, ele precisa ter consciência de que é um agente transformador capaz de refletir criticamente sobre seu papel nos processos sociais de promover intervenções e melhorias no mundo em que vive.

De acordo com Dias e Silva (2005, p. 171), o educador precisa agir como um “provocador de experiências que abrem as possibilidades para a produção/construção dos saberes através de uma progressiva consciência de que ser humano é 'ser inacabado', é o estar em permanente estado de busca' [...]”. Já para Chermann e Bonini (2000, p. 26):

No ensino a distância o acadêmico é o centro do processo de aprendizagem e deve ser levado a desenvolver habilidades para o trabalho independente, para a tomada de decisões e esforço auto-responsável; o professor nada mais é que um tutor, um agente facilitador da aprendizagem. Ele deve desenvolver no acadêmico a capacidade de selecionar informações, de refletir e decidir por si mesmo. É preciso lembrar que o professor deve ser, antes de mais nada, um eterno estudante, pois não é o dono do conhecimento; ele é, sim, melhor conhecedor dos caminhos que levam a esse conhecimento. (CHERMANN e BONINI, 2000 p. 26).

O papel do professor/tutor nessa modalidade, ainda que pretenda passar todo o conteúdo programático já pré-estabelecido para o curso, o envolvimento das mais variadas funções que se desenvolve em grupos dentro da rede online e todo esse dinamismo que o ensino à distância oferece, colabora e se desenvolve para uma definição do papel educativo de um mediador.

Esse processo dinâmico permite que todos os envolvidos, não somente o professor/tutor tenha perspectivas que suas funções vão além de uma estrutura rígida e pronta, mas que pode ser reformulada a todo o momento em que for necessário para fluir as interações e as trocas de conhecimentos. Portanto, esse papel de educador/mediador, não somente se limita a facilitar as interações desenvolvidas pelos participantes da aprendizagem, mas de estimular, apoiar e fazer realizar as tarefas e desenvolver conhecimentos suscetíveis a um padrão de organização e qualidade de ensino através da tecnologia.

Esse processo complexo requer de todos os participante o chamado “feedback”, onde, ao receber uma informação, eles terão que dar o retorno dessa mesma informação. Nessa modalidade de ensino EAD, as trocas de informações são importantíssimas para o bom andamento do ensino-aprendizagem.

6 QUALIDADES DO ENSINO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Trabalhar com algo diferente, dinâmico e que seja acessível a todos, especialmente com um processo educativo inovador e de qualidade, requer cuidados redobrados e atenciosos. Na Educação à Distância não é diferente, quando se trata de ensino-aprendizagem, especificamente Ensino a Distância, é preciso que cumpra alguns requisitos básicos, com frequência e que seja atuante. Vejamos, então, alguns desses requisitos importantes para um ensino de qualidade como: manter de forma satisfatória as interações professores e acadêmicos; a utilização adequada de todas as ferramentas do aprendizado; incentivar o uso da biblioteca virtual para engrandecer o aprendizado; permitir e estimular que um maior número de acadêmicos tenha acesso aos conteúdos de qualidade, introduzir conteúdos e atividades complementares e, principalmente, garantir flexibilidade de acesso para todos que desejam inserir-se nesta modalidade de ensino.

Por outro lado, a má utilização das novas tecnologias causará efeitos desastrosos. O modo de simplesmente transcrever os conteúdos das salas de aulas do estilo presencial para o computador esperando que se tenha um resultado satisfatório, trará graves problemas de estimulação dos acadêmicos para com o processo de ensino-aprendizagem e, além das inúmeras desistências que irão ocorrer. Portanto, as novas tecnologias devem ser usadas com um propósito definido, as metodologias precisam estar adequadas à linguagem dos acadêmicos e sempre estimuladas de maneira criativa, usando as ferramentas e os objetos de aprendizagem.

Um fator preponderante para que a Educação a Distância seja mais eficaz e tenha qualidade é a utilização de uma metodologia de ensino onde se reduza a distância entre professor/tutor e acadêmico. Perceber as peculiaridades que existem nos perfis desta comunidade estudantil que está ligada ao curso e a região, é o primeiro passo importante. Criar ambiente no qual os acadêmicos possam elaborar e desenvolver seu aprendizado com autonomia, senso crítico e com responsabilidade, abusar da criatividade. Na verdade, deixar o acadêmico à vontade requer muita responsabilidade e ao mesmo tempo sinceridade consigo mesmo. Então, nessa perspectiva, é preciso que haja um aumento no potencial para avaliar o desempenho de estudantes e também dos professores que é a parte instrutiva das ações a serem executadas e fiscalizadas.

No Ensino a Distância, é preciso não apenas ter a capacidade de utilização das ferramentas, mas muito mais das metodologias. Como já foi citado antes, é preciso que os professores estejam focados nos desenvolvimentos de competência dos acadêmicos e sejam capacitados para o uso das metodologias.

No ensino de qualidade, não deve haver diferença entre a metodologia utilizada no ensino presencial e a distância. As metodologias mais eficientes no ensino presencial são também as mais adequadas ao ensino à distância. Pedagogia por projetos, trabalho colaborativo, inteligência múltiplas, resolução de problemas, desenvolvimento de competências, autonomia, pró-atividade, aprender a aprender, são métodos, técnicas, estratégias e posturas que devem ser utilizados tanto no ensino presencial quanto no ensino a distância. (HAGUENAUER, 2009, p. 94).

Nesse mesmo pensamento, pode-se observar que a metodologia do ensino presencial, basicamente não muda, mas sim a forma de comunicação. Portanto as estratégias utilizadas devem incorporar as novas formas de

comunicação, além de ser potencializado com a informação da internet. Os professores e tutores devem ser agentes intervencionistas, onde todo o processo de ensino deve trazer em sua essência possibilidades dentro daquilo que o acadêmico traz em sua bagagem cultural, desenvolvendo e ampliando seu leque de conhecimento, tendo em vista uma formação para um cidadão com a capacidade crítica e inovadora em seus aspectos de mudanças sociais.

Como evidencia Vygotsky (1916), o sujeito se constrói e se desenvolve, à medida que interage socialmente, apropriando-se e recriando a cultura elaborada pelas gerações que o precederam. Então, o que está em questão é a elaboração do conhecimento coletivo, pois a cultura é um elemento essencial ao desenvolvimento do homem.

A Educação a Distância tem a possibilidade de aprofundar aos anseios da coletividade, visto que a organização dos meios de aprendizagem EAD é favorecida pelo ambiente de aprendizagem e pelas ferramentas que induzem a um trabalho colaborativo através de chats, fóruns, wiki, biblioteca virtual coletiva e outros. Esses fatores promovem vínculos de interações importantes para o crescimento do cidadão e, instituindo o progresso a uma boa qualidade do ensino-aprendizagem. Nesse sentido o projeto pedagógico deve ser construído coletivamente, no ambiente de aprendizagem, e deve estar pautado nas diretrizes do Projeto Político Pedagógico. A EAD, em sua cultura metodológica estabelece ações integradoras, firmando e mobilizando conceitos interdisciplinares.

Um fator importante na Educação a Distância é a diversidade cultural entre seus participantes. Essa capacidade de promover a socialização de conhecimentos, abrangendo diferentes lugares e comunidades com cultura e costumes próprios, através do uso da tecnologia de informação, envolve toda uma percepção de trabalho em grupo, que promove ações à realidade social onde estamos inseridos.

Portanto, esta mobilidade educacional tem a capacidade de inserir diversas pessoas, que vivem distantes dos grandes pólos e estabelecimentos educacionais, ao acesso a milhares de cursos e instituições de ensino, proporcionando a melhoria na educação, ao nível de conhecimentos e ajudando a diminuir as desigualdades sociais expressas nas chamadas localidades fora do eixo dos grandes centros urbanos do país.

Nesse sentido a EAD intensifica a mistura de culturas diferentes apoiadas no respeito às diversidades existentes, onde as culturas estão sim, sujeitas as mudanças, tendo como reflexo as atitudes dos grupos sociais, inclusive pela força de culturas externas ao nosso país.

A educação do futuro necessita desenvolver um novo perfil de acadêmico: Não basta formar acadêmicos empreendedores, se não tem uma formação social, uma preocupação com os outros e um comportamento ético. O foco da educação não pode permanecer somente no nível pessoal, individual, na preparação profissional. Por isso, é importante focar também o desenvolvimento social, o engajamento numa sociedade mais justa, o compromisso do conhecimento pessoal com os que convivem conosco, com o país, com o planeta, com o universo. A educação precisa que cada acadêmico se insira na comunidade e desenvolva sua capacidade de assumir responsabilidades e direitos. (MORAN, 2007, p.107).

A Educação a Distância se consolida como um sistema aberto de educação ao capacitar os acadêmicos e inserir o desenvolvimento de projetos de melhorias e bem estar na sua comunidade. Proporciona, assim, um ensino de qualidade e de oportunidades. Hoje, já é possível conferir grandes mudanças na realidade do ensino a distância no Brasil.

As possibilidades são mais amplas e são feitos os cursos a distância, praticamente, nos mesmos moldes do

sistema presencial. Tanto a metodologia de ensino como a forma de avaliar a aprendizagem dos acadêmicos e dos professores, tiveram uma transformação intensa, onde se pode perceber, na demanda dessa modalidade e na aceitação dos estudantes, que, cada vez mais, acreditam e procuram os cursos EAD.

Numa pesquisa feita pela Associação Brasileira de Educação a Distância- ABED, conforme revela o Censo EAD. BR - Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2012, os graduados em EAD tiveram em média 6,7 pontos a mais no resultado final do Exame Nacional de desempenho dos Estudantes (ENADE), na comparação dos resultados dos acadêmicos dos cursos presenciais. Nessa perspectiva, podemos notar que a EAD vem superando expectativas, que até então prevaleciam ideias errôneas e de desafios a qualidade do Ensino a Distância.

A EAD é uma modalidade de ensino que cada vez mais está se destacando no cenário atual, principalmente porque se adapta a diferentes realidades dos acadêmicos que procuram formação mediante este meio. Não se trata de uma forma facilitada de conseguir títulos, muito menos de formação de baixa qualidade. Trata-se de um sistema que atende as necessidades de um público específico e está atingindo cada vez mais segmentos. (FARIA e SALVADORI, 2010, p.68).

É uma verdade e de conhecimento de todos que não se constrói uma nação sem uma educação de qualidade. A universalização da educação fundamental é de suma importância, mas também paralelo a essa concepção, é preciso formar profissionais qualificados, oportunizando a todos uma educação superior inovadora e de qualidade para que possam crescer juntos com o país. É nesse sentido que a EAD pode contribuir para tornar o país próspero e preparado para enfrentar os desafios do seu desenvolvimento neste árduo e concorrente mundo capitalista.

A presença de uma equipe interdisciplinar é imprescindível. Esta deve ser composta por profissionais de diversas áreas: Pedagogia, Tecnologia da Informação, Designer e Especialistas da área foco do curso, que juntos contribuirão, significativamente, para a construção de um ambiente de aprendizado rico em textos, vídeos e que também favoreça as diversas formas de interação e comunicação possíveis em um ambiente virtual, sendo estes últimos aspectos essenciais para a efetivação do processo de construção da aprendizagem. (ALMEIDA, 2002, p.102).

Quando se fala em qualidade do ensino EAD, é preciso focar sobre a avaliação e quais os aspectos que são desenvolvidos nas atividades. Para Romiszowski (2011), devem-se observar alguns aspectos como: valor necessidade, critério, objetivos, atores, melhoria, processo, resultado, impacto, credibilidade, entre outros. Para a autora essas análises respondem às questões centrais para saber se algo é bom e que critérios utilizar.

Discutir as qualidades da educação a distância favorece uma reflexão, de forma geral, sobre a melhoria educacional. A complexidade do assunto nos remete a focar nas experiências traçadas pela Educação a Distância, que vem demonstrando um ensino-aprendizagem com flexibilidade, autonomia e diversidade, mas assim como no ensino presencial, ainda precisa de muitos ajustes, da maneira em que avaliações criteriosas forem acontecendo, projetos novos irão surgir, dando ênfase a esta modalidade de ensino que vem crescendo, a cada dia, e consolidando com ensino inovador e de qualidade.

Nesse contexto, a Educação a Distância surge como meio para acesso ao saber e sabe-se que um dos

princípios do ensino a distância é a necessidade de manter a comunicação, o diálogo, como forma de quebrar o isolamento, promover a interação e aproximar os participantes do processo de aprendizagem. E, agregado a essa nova metodologia de ensino, surge também a necessidade de suporte para que os recursos e metodologias utilizadas promovam interação entre os sujeitos. Sendo a interatividade uma das principais características da rede eletrônica.

Com base nos postulados de Piaget e Vygotsky, entende-se que a aquisição do conhecimento é parte de um processo individual, mas a aprendizagem tanto se dá no âmbito individual, quanto através da interação das experiências vividas e compartilhadas, no convívio social e cultural. Essa aprendizagem é promovida pela interação, suscitando a autonomia dos alunos, estimulando a aprendizagem autônoma contínua e significativa, sendo a função do mediador ponto chave nos diferentes níveis desse processo.

UNIDADE FORMATIVA II:

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

1 LEITURA DE TEXTOS

Verifica-se, nos dias atuais, um discurso comum no que diz respeito à importância da leitura. Essa deixa de ser um interesse particular do indivíduo para ser uma exigência da sociedade. E aí, surgem os questionamentos: Mas o que é ler? Para que lemos? Qual a importância da leitura no universo da Matemática?

É importante que a noção de leitura não esteja associada exclusivamente à palavra. De acordo com Paulo Freire (1982), a leitura de mundo precede a da palavra. Ler o mundo significa compreender a realidade que nos cerca. É uma ação do sujeito, que possibilita o seu reconhecimento no mundo e, principalmente, sua relação com o outro. A leitura da palavra, por sua vez, apoia-se no conhecimento de mundo adquirido pelo indivíduo no percurso de sua vida. Para Abaurre (2012, p. 11), *toda experiência de leitura, por mais informal que possa parecer, contribui para a formação de um importante repertório pessoal de referências históricas, culturais, políticas etc.* Sendo assim, a palavra não carrega consigo o seu significado, o sentido de cada elemento linguístico é construído de acordo com a situação de comunicação em que se encontra inserido.

A leitura é um processo e como processo faz-se necessária a interação do leitor com o texto. Considerá-la como “processo”, significa dizer que ela não é uma atividade estática, e sim uma atividade dinâmica de ir e vir, possibilitando ao leitor a interpretação satisfatória. De acordo com Koch e Elias (2006, p. 11):

A leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Ainda segundo elas:

O lugar mesmo de interação é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Em outras palavras, espera-se que o leitor, concorde ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc.

Vale ressaltar que adotaremos essa concepção de leitura no desenvolvimento dos nossos estudos da disciplina Leitura e Produção de Texto. Pela consonância com a posição aqui assumida, merece destaque o trecho a seguir sobre leitura, extraído dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção,

antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

É notória a dificuldade dos discentes em construir o sentido de um texto. Essa falta de habilidade na leitura, normalmente, acompanha-os desde a educação básica (ensinos fundamental e médio) até o ensino superior. Nessa fase da aprendizagem, o aluno, que apresenta afinidades com a área de exatas, acredita não ser mais necessário aprimorar as habilidades de leitura e produção textual. Percebe-se, dessa forma, que ele não entende que toda e qualquer ação do indivíduo perpassa pela linguagem. Ela é, portanto, uma questão central para todos os domínios do conhecimento, para todos os cursos, para todas as disciplinas. O aluno, muitas vezes, não consegue resolver problemas de Matemática, por ter dificuldades em conseguir construir o sentido do enunciado do problema proposto.

Verifica-se que a aprendizagem de Matemática não se resume a um acúmulo de fórmulas e algoritmos, ao contrário, devem-se explorar também os conceitos e o desenvolvimento de atitudes, que auxiliem o aluno a entender as justificativas e o uso de certas fórmulas.

Diante do exposto e considerando que a grande dificuldade dos alunos no ensino e aprendizagem de Matemática, muitas vezes, está na dificuldade em ler, entender e interpretar situações problema ou textos que lhes são propostos em sala de aula, nós veremos, agora, três etapas da leitura, a saber: a ativa, a analítica e a crítica.

1.1 Ativa

A leitura ativa compreende o levantamento de pistas que conduzem à tese do texto: verificação do título, introdução, conclusão. A partir desse levantamento, formulam-se expectativas acerca do conteúdo do texto a serem confirmadas ou refutadas. Essa etapa consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto propriamente dito. Nesse caso, são relevantes tanto os objetivos da leitura, que levam o leitor a adotar posturas diferenciadas ante o texto, quanto os elementos que compõem a materialidade do texto, como a capa, o título, o número de páginas, entre outros. Na leitura de um livro, por exemplo, o aluno deverá levantar hipóteses sobre o conteúdo do mesmo a partir do que sabe sobre a autora, a partir das imagens da capa e a partir do texto da contracapa. É importante que o aluno, antes de começar a ler um texto, observe o seu título, quem é o autor, o *layout* do texto, os seus elementos gráficos etc. para poder fazer hipóteses sobre seu conteúdo.

1.2 Analítica

É a leitura completa, a de averiguação. É o nível de leitura voltado basicamente para a compreensão. Esse tipo de leitura requer o reconhecimento da estrutura do texto: introdução, desenvolvimento e conclusão. Estrutura paragrafada, transição entre parágrafos. Esquematização. Segundo Faraco e Tezza (2013), não existe uma fórmula para a construção do parágrafo que sirva a qualquer tipo de texto. Para eles, a paragrafação dependerá da intenção, do destinatário e do assunto do texto. O bom domínio do parágrafo não é simplesmente uma questão técnica da escrita, a noção de parágrafo depende, de certo modo, da percepção mais ou menos intuitiva que nós temos de uma hierarquia de ideias e de fatos, de uma organização do mundo que não se reduz a uma regra fixa. A primeira noção que se tem do parágrafo é através da visualização do mesmo. A suspensão de uma sequência de linhas, com o recomeço destacado em outra linha, por si cria significados. Para Bakhtin (1981):

A composição sintática dos parágrafos é extremamente variada. Eles podem conter desde uma única palavra até um grande número de orações complexas. Dizer que um parágrafo deve conter a expressão de um pensamento completo não leva a nada. O que é preciso, afinal, é uma definição do ponto de vista da linguagem, e em nenhuma circunstância pode a noção de “pensamento completo” ser considerada como uma definição linguística. (...)

Penetrando mais fundo na essência linguística dos parágrafos, convencer-nos-emos de que, em certos aspectos essenciais, eles são análogos às réplicas de um diálogo. (...) Na base da divisão do discurso em partes, denominadas parágrafos na sua forma escrita, encontra-se o *ajustamento às reações previstas do ouvinte e do leitor*. Quanto mais fraco o ajustamento ao ouvinte e a consideração de suas reações, menos organizado, no que diz respeito aos parágrafos, será o discurso.

Emediato (2008) apresenta outra visão em relação à estrutura de um texto e, por conseguinte, a do parágrafo. Para ele, o processo de elaboração textual pode ser associado ao raciocínio lógico da Matemática. Ele defende o uso de fórmulas textuais e do planejamento para a elaboração de um bom texto. Este dá racionalidade ao trabalho de redação, uma vez que dispensa a intuição e a espontaneidade que nem sempre satisfazem os critérios de coerência, complexidade e maturidade que um texto de natureza acadêmica exige. Enquanto que aquele capacita os estudantes a desenvolver seus textos com maior precisão.

Por isso, para o desenvolvimento da leitura analítica, deve-se ter consciência de que o texto é um conjunto de enunciados significativos que se organizam em parágrafos. Os parágrafos, por sua vez, são compostos de períodos. Os períodos são compostos de orações. Uma oração é uma frase construída em torno de um verbo. O período é um conjunto frasal que pode ser estruturado em torno de uma ou mais orações. O período simples compreende uma única oração. O período composto estrutura-se em torno de duas ou mais orações. Observa-se que, para a realização eficaz da leitura analítica, exige-se uma base gramatical mínima: a compreensão da estrutura dos períodos simples e compostos e das relações de conexão interfrástica, ou seja, das conjunções, que aqui serão nominadas de conectivos.

Esses conectivos, na maioria das gramáticas escolares, são considerados elementos meramente relacionais. Para Cunha e Cintra (1985), eles são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Luft (2002), por sua vez, considera o conectivo uma palavra gramatical invariável que estabelece coordenação ou subordinação entre dois membros da oração ou entre uma palavra e uma oração. Há, entretanto, estudos desenvolvidos sobre os operadores argumentativos por Ducrot (1987), Guimarães (2007), Koch (2006), que abordam a importância desses elementos linguísticos na orientação argumentativa de um texto, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras conclusões.

O ensino sistemático de funções gramaticais e de nomenclaturas não é condição *sine qua non* para que o aluno consiga compreender o sentido do texto. Em vista disso, estudaremos as relações de lógica e semântica que os enunciados mantêm entre si com o auxílio do funcionamento dos conectivos. Para Emediato (2008, p. 44):

A operação lógico-semântica consiste em relacionar duas asserções sobre o mundo, formando, em geral, um período composto. As duas asserções se encontram em relação de interdependência semântica. Há, pois, relações de sentido entre as ideias evocadas pelas orações conectadas e essas relações são explicitadas pelo tipo de conjunção que as liga. Ela é lógica porque denota uma atividade de raciocínio do sujeito pensante, orientando a sua argumentação em uma certa direção. É, também, semântica, pois explicita um sentido específico na relação entre as duas orações conectadas, ou seja, especifica o semantismo da relação interfrástica. Na ausência do elemento conectivo, ou seja, da conjunção, o semantismo

que relaciona as duas orações, assim como a lógica do raciocínio do sujeito pensante, fica implícito, exigindo do leitor ou do interlocutor a inferência da intenção argumentativa durante a leitura.

Adotaremos, aqui, para construção de sentido de um texto, não só essa característica argumentativa dos conectivos, como também a visão lógica da estrutura frasal, conforme apresentada a seguir.

A frase, de acordo com Cunha e Cintra (1985), é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação. O período é um conjunto frasal que pode ser estruturado em torno de uma ou mais orações e a oração é a frase ou parte de uma frase que se organiza em torno de um verbo ou de uma locução verbal. O período pode ser simples, quando formado por uma só oração, que então é chamada de absoluta, ou pode ser composto, quando formado por duas ou mais orações. Vale lembrar que o período termina sempre por uma pausa definida, que é representada, na escrita, por um dos seguimentos de pontuação: ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências. Observemos os exemplos abaixo:

[...] o estudante topa com fatos maravilhosos o tempo todo, / mas, na Matemática, ele é um criador de mundos / pois os objetos matemáticos estão dentro de sua mente.

Temos, nesse exemplo, um período composto de três orações, uma vez que, em sua estrutura, encontramos três verbos: topar, ser e estar. As três orações, por sua vez, mantêm, entre si, uma relação semântica. Essa conexão entre elas é marcada por um elo lógico denominado aqui de conectivo. O conectivo “mas” mantém, entre os enunciados coordenados, uma relação de oposição de ideias. A primeira oração argumenta para o fato de que o fascínio do estudante é se deparar com fatos maravilhosos já existentes. Só que essa sequência lógica de sentido é quebrada com o funcionamento do conectivo “mas” que orienta para o fato de que, no universo da Matemática, o fascínio do estudante não está em encontrar fatos maravilhosos e sim criá-los. Observamos também, nesse período, o funcionamento do conectivo “pois”. A última oração, sob a orientação desse conectivo, está justificando o fato do estudante de Matemática ser um criador de mundos: os objetos matemáticos estão dentro de sua mente.

Pronto! Já compreendemos as noções básicas necessárias para darmos prosseguimento aos nossos estudos. Precisamos, porém, definir os parâmetros que nos orientarão no processo de desenvolvimento dos textos a partir de fórmulas textuais, são elas:

Ø A. = sem oração (1 período)

A. = uma oração (1 período simples)

A, B. = duas orações (1 período composto)

A, B, C. = três orações (1 período composto)

Vale ressaltar que o acréscimo de letras maiúsculas (D, E, F...) à fórmula textual, corresponde à elaboração de novas orações no período.

Tomemos como exemplo dois períodos retirados de uma parte do texto *As equações do cérebro*, publicado na Revista Cálculo: Matemática para todos:

[...] Eu me formei no mestrado em Matemática pura, mas hoje em dia o que faço é Matemática aplicada. Eu a uso na análise de dados de experimentos; normalmente são tarefas cognitivas nas quais a cobaia tem de tomar uma decisão ou aprender algo. Daí a gente [ele e a

equipe ou os orientandos] desenvolve algoritmos, aplica neles os dados do experimento e usa técnicas de análise de sinais para tentar descobrir o que está acontecendo no cérebro.

Outro uso da Matemática que tenho feito bastante é descrever as ondas cerebrais para tentar entender o que as causa. É uma espécie de engenharia reversa: você realiza empiricamente um experimento e, com ferramentas Matemáticas, acha determinados resultados. Por exemplo: digamos que quando a pessoa pensa aparece em determinada região do cérebro uma onda na frequência de 30 hertz. Isso está no nível empírico, a gente vê no experimento, o estado existe, mas essa abordagem não diz nada. Então a gente usa equações para simular os neurônios e as redes neurais e tentar reproduzir os resultados que vimos empiricamente. Uma vez que temos um modelo, podemos usá-lo para levantar uma hipótese: “Ah, acho que esses 30 hertz surgem nessa onda, porque os neurônios estão se conectando dessa tal forma.”

Em um terceiro uso, que seria consequência do segundo uso, é desenvolver ferramentas analíticas. Durante meu pós-doutorado nos Estados Unidos, desenvolvi uma ferramenta para medir como ondas cerebrais de diferentes frequências podem interagir. Os neurocientistas com uma base mais de exatas têm uma série de ferramentas clássicas na análise de sinais, como as transformadas de Hilbert, as transformadas de Fourier, as wavelets. Mas muitas vezes a pesquisa só avança quando você desenvolve novas ferramentas de análise.

Os períodos, no texto acima, mantêm uma sequência lógica de sentidos com o auxílio dos conectivos que neles funcionam. Analisaremos, pois, alguns desses períodos. O período, que inicia o primeiro parágrafo, tem a seguinte fórmula lógica (A, mas B.):

Eu me formei no mestrado em Matemática pura **(A)**, **mas (B)** hoje em dia o que faço é Matemática aplicada.

Ocorre, nesse período, uma quebra da expectativa do leitor, uma vez que se a formação dele é Matemática pura, esperava-se que a sua atuação fosse nessa área e não na de Matemática aplicada. Podemos também destacar duas orações no final do segundo parágrafo:

Uma vez que (A) temos um modelo, **(B)** podemos usá-lo para levantar uma hipótese [...]

Há, aí, a estrutura lógica (uma vez que A, B.) que orienta o leitor à causa para se levantar uma hipótese: a existência de um modelo.

Vamos praticar o uso dessas fórmulas textuais?

Questão 01

Construa um parágrafo composto de apenas um período, cuja forma lógica é (A e B, mas C e D), utilizando apenas períodos simples.

Questão 02

Analise o primeiro período do quinto parágrafo do texto “História da EAD” do módulo Linguagens e suas Tecnologias. Construa a fórmula textual desse período.

Questão 03

Agora, escreva a fórmula lógica do terceiro parágrafo do tópico “1.1 Educação a distância no Brasil e na contemporaneidade” do módulo Linguagens e suas Tecnologias.

1.3 Crítica

A leitura crítica requer o reconhecimento dos argumentos, a avaliação da estratégia de elaboração do texto, considerando a eficácia e a propriedade de sua argumentação e construção.

A título de exemplificação, tem-se a análise do texto *Arqueologia Machadiana do Rio de Janeiro* realizada por Faraco e Tezza (2013):

Toda grande cidade tem seu cronista por excelência, aquele que melhor a define e caracteriza, de forma explícita ou não. Londres, por exemplo, teve em Charles Dickens seu mais perfeito tradutor, o homem que soube da maneira mais incisiva desvendar cada mistério de suas ruas e bairros. O mesmo pode ser creditado a Kafka com Praga, Fernando Pessoa com Lisboa e Joyce com Dublin. Esses autores não descreveram uma cidade idealizada ou maquiada, mas sim as mostravam como de fato eram, ao mesmo tempo belas e ásperas, quase que um personagem a mais em suas obras. Essa persona de concreto e asfalto, o pano de fundo de uma ou de várias obras que via aos poucos ficando cada vez mais denso até se inserir substantivamente em um romance, pode também ser o Rio de Janeiro que Machado de Assis tão bem conheceu. É nas obras do criador de Brás Cubas que um Rio *fin-de-siècle* melhor se descortina e é melhor caracterizado. Poucos usaram e abusaram da Cidade Maravilhosa como Machado, fazendo seus personagens se inserirem de tal forma à paisagem que cada um de seus livros bem poderia servir de um guia para um Rio que, para muitos, infelizmente não existe mais. Mas se essa cidade ficou no passado, o guia para ela pode ser encontrado na forma de *Rio de Assis* (Editora Cada da Palavra), uma interessante viagem até a grande metrópole brasileira do século XIX concebida pela *designer* Aline Carrer e um dos mais belos lançamentos do ano passado. (...)

Este é o início de um texto longo que apresenta ao leitor um livro de arte contendo fotos do Rio de Janeiro do tempo de Machado de Assis. Antes de mais nada, preste atenção na primeira frase do parágrafo: *Toda grande cidade tem seu cronista por excelência, aquele que melhor a define e caracteriza, de forma explícita ou não*. Observe a estratégia do autor: para chegar ao Rio de Machado de Assis, ele universaliza a ideia de que as grandes cidades sempre têm os seus cronistas. A primeira frase anuncia o tema do parágrafo; as frases seguintes demonstram o que se disse: Londres e Dickens, Kafka e Praga etc. Ao final, aparecem o Rio de Janeiro e Machado de Assis. E o parágrafo se fecha com o assunto do texto propriamente dito: o livro *Rio de Assis*, que será resenhado nos parágrafos seguintes. O tema do artigo foi valorizado pela comparação internacional proposta na primeira frase e pela ideia implícita de que Machado é a nossa grande referência literária.

Os textos jornalísticos e os textos de natureza acadêmica, normalmente, apresentam parágrafos que iniciam com uma frase-guia, ou seja, um tópico frasal. Essa frase informa ao leitor sobre o assunto do parágrafo, facilitando a leitura e organizando o parágrafo. As orações seguintes esclarecem, justificam, exemplificam a ideia central apresentada no início do parágrafo. A partir dessa lógica estrutural do parágrafo, o leitor identifica, com facilidade, a ideia central do mesmo e os argumentos que a sustentam.

Vamos praticar?

Retire, do texto *A pena de morte*, a tema e os argumentos que a sustentam, construindo o esquema lógico desse texto.

A pena de morte

Cogita-se, com muita frequência, sobre a implantação da pena de morte no Brasil. Muitos aspectos devem ser analisados na abordagem dessa questão.

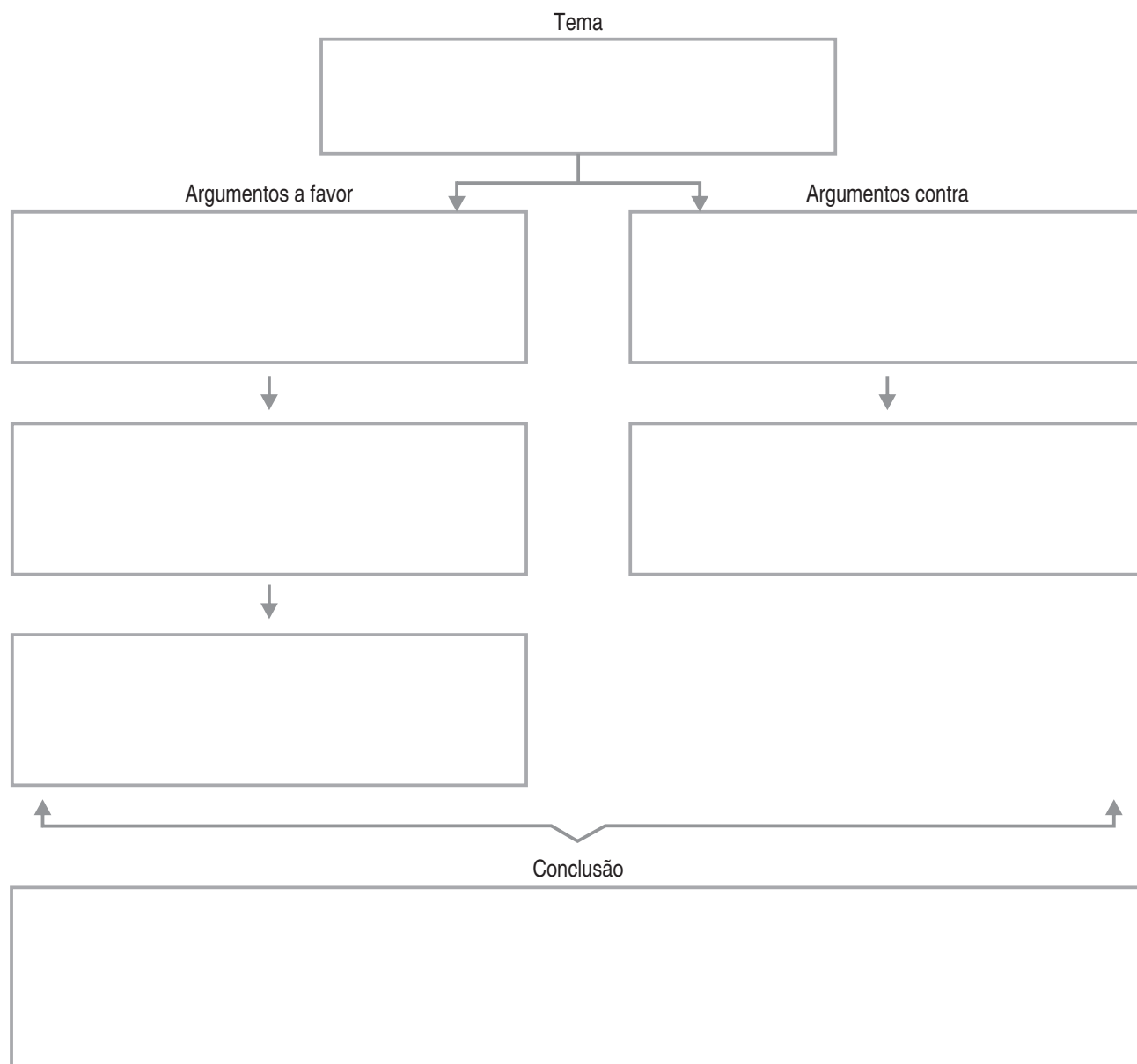
Os defensores da pena de morte argumentam que ela intimidaria os assassinos perigosos, impedindo-os de cometer crimes monstruosos, dos quais costumeiramente temos notícia. Além do mais, aliviaria, em certa medida, a superlotação dos presídios. Isso sem contar que certos criminosos, considerados irrecuperáveis, deveriam pagar com a morte por seus crimes bárbaros.

Outros, porém, não conseguem admitir a ideia de um ser humano tirar a vida de um semelhante, por mais terrível que tenha sido o delito cometido. Há registros históricos de pessoas executadas injustamente, pois as provas de sua inocência evidenciaram-se após o cumprimento da sentença. Por outro lado, a vigência da pena de morte não é capaz de, por si, desencorajar a prática de crimes: estes não deixaram de ocorrer nos países em que ela é ou foi implantada.

Por todos esses aspectos, percebemos o quanto é difícil nos posicionarmos categoricamente contra ou a favor da implantação da pena de morte no Brasil. Enquanto esse problema é motivo de debates, só nos resta esperar que a lei consiga atingir os infratores com justiça e eficiência. Isso se faz necessário para defender os direitos de cada cidadão brasileiro das mais diversas formas de agressão das quais é hoje vítima constante.

GRANATIC, Branca. A pena de morte. In: **Técnicas básicas de redação**. São Paulo: Scipione, 1989.

Esquema lógico do texto *A pena de morte*



2 ESTUDO COMPARATIVO DE TEXTOS

Nesta etapa de estudo, nós praticaremos, no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), atividades que possibilitarão a prática na identificação de textos técnico-científicos e literários. Nós nos limitaremos, aqui, a definição dos mesmos.

2.1 Técnico-científicos: finalidade, linguagem e estilo

Tanto na vida pessoal como na vida profissional, as pessoas se deparam com a necessidade de produzir textos que, muitas vezes, não foram ensinados, ou tantas outras espécies de composição das quais sequer ouviram falar nas salas de aula por onde passaram, tais como: um manual de instrução, a descrição do funcionamento de aparelhos, relatórios, resumos e resenhas científicas, artigos, dentre outros gêneros de textos.

Texto científico é o texto que revela pesquisa e rigor científico e tem como objetivo a publicação em revistas especializadas ou livros. O texto científico é representado pelos artigos científicos, monografias, teses, *papers* e resenhas. Ele é o texto mais relativo às profissões. É fundamental nas atividades organizacionais públicas e privadas e é representado pelos memorandos, circulares, requerimentos, relatórios, avisos, atas, dentre outros. Em conformidade com Kaufman e Rodríguez (1995), nesses textos predominam as orações enunciativas de ordem sintática canônica (sujeito-verbo-predicado). Incluem frases claras, em que não há ambiguidade sintática ou semântica, levando em consideração o significado mais conhecido, mais difundido das palavras.

As redações técnico-científicas vão apresentar características que são regidas pelos mesmos princípios básicos: clareza (coesão e coerência), correção, obediência às normas gramaticais e objetividade. A oposição que será apresentada em relação à redação literária obedecerá ao mesmo princípio de descrição e diferenciação de linguagens.

2.2 Literários: finalidade, linguagem e estilo

O texto para ser considerado literário precisa ter uma elaboração peculiar e especial ao referir-se aos fatos presentes no texto. Nesses textos, é possível perceber traços que não existem nos não literários. Para ser chamado de literatura, o texto precisa ter uma linguagem bem elaborada, de modo que ela seja artística, e o universo descrito até então é desconhecido do leitor, pois faz parte apenas do universo imaginário, mas sem perder sua interação com o mundo real. Essa interação ocorre por meio de vários recursos, dentre eles: pontuação diferenciada, figuras de linguagem e vocabulário bem selecionado para transmitir o que se pretende. Geralmente, o texto embasado nesses fatores revela emoção, personalidade e é detentor de simbologia, arte e beleza que transcendem às palavras no papel.

De acordo com Kaufman e Rodríguez (1995), os textos literários são textos que privilegiam a mensagem pela própria mensagem. Diferentemente dos textos técnico-científicos, nos quais o referente é transparente, os textos literários são textos opacos, não explícitos, com muitos vazios ou espaços em branco. Para elas:

Os leitores devem unir todas as peças em jogo: a trama, as personagens e a linguagem; têm de preencher a informação que falta para construir o sentido, fazendo interpretações congruentes com o texto e com seus conhecimentos prévios do mundo. Os textos literários exigem que o leitor compartilhe do jogo da imaginação para captar o sentido de coisas não ditas, de ações inexplicáveis, de sentimentos não expressos.

Embora todos os textos tenham um “repertório”, um território que nos é familiar, porque envolvem realidades extratextuais (lugar e tempo das ações; normas e valores representados; alusões ou elementos e tradições literárias etc.), não basta conhecer estas realidades para compreender o texto literário: é necessário fundamentalmente extrair as múltiplas perspectivas e os múltiplos níveis de associação que o texto nos oferece.

O texto literário, que permite o desenvolvimento de todas as virtualidades da linguagem e, portanto, que é o espaço de liberdade da linguagem e, portanto, que é o espaço de liberdade da linguagem, sem as restrições das normas, permite-nos ler “para nada”, para não fazer nada depois da leitura; somente nos leva pela imaginação; porém, também pode permitir-nos analisar os mecanismos empregados pelo autor para produzir beleza, tentar recriar estes mecanismos em novas criações, desentranhar os símbolos que estruturam a mensagem, brincar com a musicalidade das palavras liberadas de sua função designativa etc.

Esse tipo pode também ter musicalidade e ritmo, experimentos no que tange à organização das frases e construção de parágrafos, tudo a fim de tocar a sensibilidade do leitor. A identificação desses elementos é fundamental para a identificação do texto literário, em oposição ao não literário. São considerados literários: crônicas, contos, novelas, romances e poemas.

3 PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS

Na trajetória acadêmica do estudante, é a competência no planejamento dos estudos e sua capacidade de organização de leitura, anotações e pesquisas que irão fazer a diferença em sua formação profissional e intelectual. Para auxiliá-lo em sua trajetória, estudaremos, a seguir, algumas técnicas para a elaboração de resumo, de resenha e de textos dissertativo-argumentativos.

3.1 Resumos

De acordo com a NBR 6028:2003, ele deve apresentar concisamente os pontos relevantes de um documento. Esse tipo de texto tem a finalidade de difundir informações contidas em livros, artigos ou outros documentos. Segundo Solé (1998, p. 143), a elaboração de resumos está estreitamente ligada às estratégias necessárias para estabelecer o tema de um texto, para gerar ou identificar sua ideia principal e seus detalhes secundários. A redação de um resumo pressupõe o desenvolvimento de habilidades tanto para leitura e captação de conteúdos do texto, como de estratégias para sua condensação.

O resumo de obras (artigos, capítulos, livros) continua sendo um dos melhores meios de construir uma documentação pessoal para fins de estudos. A prática do resumo, além de exercitar no aluno a capacidade de síntese, desenvolve aos poucos a competência da leitura seletiva e objetiva de informações. Contudo, é importante utilizar alguma técnica, pois o resumo desorganizado produz resultados negativos para o estudante.

De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 68), o resumo é a apresentação concisa e frequentemente seletiva do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais ideias do autor da obra. A finalidade do resumo consiste na difusão das informações contidas em livros, artigos, teses etc., permitindo a quem o ler sobre a conveniência ou não de consultar o texto completo.

Emediato (2008) alerta para o fato de que, apesar dessa definição, a maioria dos estudantes considera resumo a redução do texto através da extração aleatória de seus fragmentos. O resumo ideal, entretanto, é aquele que mantém todas as informações essenciais do texto em um tamanho significativamente menor em relação ao

texto original. Para elaborá-lo, o aluno deve ser capaz de selecionar as suas informações essenciais, seguindo as etapas propostas por Emediato (2008):

- a) identificar o plano geral da obra e seu desenvolvimento, apresentado em um índice temático (sumário), no caso de livro; ou dos títulos e subtítulos, no caso de capítulo de livro ou artigo de revista;
- b) identificar a ideia central do texto e o objetivo do autor, geralmente contidos na introdução do texto;
- c) identificar as partes principais do desenvolvimento do texto: provas, exemplos, ilustrações, dados apresentados etc.;
- d) identificar as conclusões apresentadas no texto.

A procura de ideias principais e dos objetivos de um texto ou de um livro deve seguir também algumas etapas e orientações, tais como:

1. no parágrafo: geralmente só desenvolve uma ideia principal que se encontra expressa já no início. Procure resumi-lo em uma só proposição elementar;
2. num capítulo, numa seção, numa obra: comece percorrendo toda a obra, por meio de seu índice, das partes, dos capítulos, títulos e subtítulos, buscando captar o plano da obra e suas proposições elementares.

É importante frisar que as técnicas para a elaboração de um resumo são também importantes estratégias que nos auxiliam no processo de construção de sentido de um texto. Por isso, antes de ler, resumir ou produzir qualquer texto, precisamos ter consciência de que: a antecipação do conteúdo do texto pode facilitar a leitura, todo texto é escrito tendo em vista um leitor potencial, o texto é determinado pela época e local em que foi escrito, todo texto possui um autor que teve um objetivo para a escrita daquele texto e não deixar de considerar, também, que o texto é produzido tendo em vista o veículo em que irá circular.

Quanto à construção do resumo, devemos iniciá-la com o nome completo do autor. Ao longo do resumo, podemos nos referir ao autor utilizando seu sobrenome, pronomes, sua profissão ou a expressão “o autor”. É necessário assegurar a coesão entre os parágrafos. Não podemos colocar nossa opinião nem acrescentar elementos que não estejam no texto original.

Para a realização desses textos acadêmicos, tais como: resumo, resenha e dissertação-argumentativa, eu gosto de utilizar uma técnica que nos ajuda nesse processo e, por conseguinte, auxilia-nos na construção de sentido do texto. Essa técnica, denominada pelas autoras Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) de sumarização, é um dos processos mentais essenciais para a produção de resumos, que sempre ocorre durante a leitura, mesmo quando não produzimos um resumo oral ou escrito. Ele não é aleatório, mas guia-se por certa lógica. Só que, para sumarizar é necessário compreender o texto original. É preciso identificar a ideia principal e as secundárias. Nesse processo, eliminamos, sempre que possível, exemplos, sinônimos, explicações, justificativas e efetuamos generalizações. Frequentemente, alguns conectivos, como *mas*, *isto é*, *porém*, *portanto*, *porque* auxiliam essa identificação e podem orientar os processos de sumarização. Em vista disso, faz-se necessário que conheçamos o funcionamento desses elementos linguísticos, nomeados de conectivos pelas autoras.

Quando lemos um texto bem construído, é possível perceber a conexão entre os vários segmentos desse texto e compreender que todos estão interligados entre si.

A título de exemplo, observe o texto, *Cachos dão trabalho até para cientistas*, retirado da *Revista Cálculo - Matemática para todos*:

Muitas mulheres de cabelos encaracolados reclamam que eles dão trabalho, pois têm uma capacidade incrível para fazer nós, qualquer vento os deixa sem solução e são imprevisíveis, porque dormir com eles molhados pode dar certo num dia e muito errado no outro. Há muitas páginas na internet listando os problemas; numa delas, a lista vai até o problema nº 939.

Pedro Reis é pesquisador do Instituto de Tecnologia do Massachusetts (Estados Unidos), é careca, e não dava a mínima para essa instabilidade dos cabelos cacheados. Mas, enquanto investigava a curvatura de hastes finas e flexíveis suspensas por uma estrutura (como tubos, canos e cabos), notou que pareciam cachos de cabelo suspensos pelo couro cabeludo. Procurou então Basile Audoly, da Universidade Pierre e Marie Curie (França), que já tinha investigado a forma do cabelo encaracolado em duas dimensões, e reuniu uma equipe para criar um modelo de mechas em 3D.

O time fez experimentos de laboratório e simulações de computador, e usou a teoria Matemática para identificar os principais parâmetros dos cabelos encaracolados. Depois ficou com apenas dois parâmetros adimensionais para representar a curvatura (relacionando a razão entre a curvatura e o comprimento) e o peso (relacionando a razão entre o peso e a rigidez). Dada a curvatura, o comprimento, a massa e a rigidez da mecha, o modelo prevê o formato de um fio de cabelo sob a influência do próprio peso.

Com o modelo, engenheiros podem prever em que tipo de curva canos, tubos e cabos longos se transformam, por exemplo, quando são enrolados numa bobina antes do transporte. Tais produtos às vezes se comportam como mangueiras de jardim, tão teimosas, com a diferença de que fazem muita força contra o suporte em que estão — um mal enrolado cabo submarino de fibras ópticas, por exemplo, pode afundar um barco de instalação. Além disso, com o modelo, o pessoal do cinema pode criar personagens animados com lindos cachos esvoaçantes. Pedro diz que, no modelo, o time não levou em conta as colisões entre todos os fios numa cabeça, o que seria importante para efeitos de animação, mas descreveu todos graus de ondulação de um fio de cabelo e como as propriedades do cacho mudam ao longo do comprimento. “O fato de eu ser careca e o de trabalhar nesse problema há muitos anos se tornaram uma piada recorrente no laboratório”, diz Pedro. “Mas, brincadeiras à parte, para mim o mais importante é levar em conta a curvatura natural das hastes nesse tipo de problema, pois pode afetar bastante o comportamento mecânico desses objetos.”

Os enunciados desse texto não estão amontoados caoticamente, mas estritamente interligados entre si. Ao lê-lo, percebe-se que há uma conexão em cada uma de suas partes. Observem o primeiro parágrafo. Nele, temos três conectivos funcionando para manter a sequência lógica de sentidos entre os enunciados que relacionam. São eles: “pois”, “porque” e “e”. Os dois primeiros, “pois” e o “porque”, mantêm uma relação de justificação com a declaração que é feita. O “pois” orienta para as justificativas das mulheres que reclamam do trabalho que elas têm com os seus cabelos encaracolados. Já o “porque” orienta para a justificativa do fato de os cabelos encaracolados serem imprevisíveis. O conectivo “e”, por sua vez, mantém uma relação de acréscimo de ideias entre os enunciados que relaciona. Há duas ocorrências dele no primeiro parágrafo. Na primeira, ele adiciona argumentos em torno da declaração das dificuldades que o cabelo encaracolado proporciona às mulheres. Na segunda, o conectivo “e” acrescenta um argumento para o fato de o tipo de cabelo em questão ser imprevisível.

No segundo parágrafo, podemos perceber o funcionamento do conectivo “mas”. Esse conectivo é um orientador argumentativo por excelência. Ele orienta para o argumento mais forte dentro do discurso, tão forte que o leitor tende a desconsiderar o enunciado que ele contrapõe. Vejamos sua ocorrência no texto: a afirmação inicial é a de que o pesquisador, Pedro Reis, além de ser careca não se preocupava com a instabilidade dos cabelos cacheados. Em seguida, o conectivo “mas” é introduzido no discurso para mostrar ao leitor que o fato de Pedro

Reis ter notado a semelhança entre os cachos de cabelo com a curvatura de hastes finas foi o que despertou nele o interesse por esse tipo de cabelo. E a partir daí desencadeou o processo de evolução da sua pesquisa.

Com esses exemplos, verificamos que os conectivos ou elementos de coesão, põem em evidência as várias relações de sentido que existem entre os enunciados. Mas atenção, porque o uso adequado desses elementos de coesão, permite-nos expressar as ideias no texto de forma clara. Assim como, o uso inadequado torna as partes do texto incompreensíveis. Por isso é importante que conheçamos as relações que alguns conectivos estabelecem:

- a) **e**: anuncia o desenvolvimento do discurso e não a repetição do que foi dito antes. Indica uma progressão semântica que adiciona, acrescenta algum dado novo. Se não acrescentar nada, constitui pura repetição e deve ser evitada. Observemos os exemplos:

Este trator serve para arar a terra **e** para fazer colheitas.

Tudo permanece imóvel **e** fica sem se alterar. (uso inadequado)

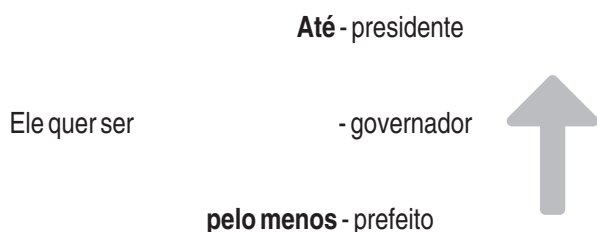
- b) **aliás, além do mais, além de tudo, além disso**: introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final. Exemplo:

Os salários estão cada vez mais baixos, porque o processo inflacionário diminui consideravelmente seu poder de compra. **Além de tudo** são taxados com impostos.

- c) **isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras**: introduzem esclarecimentos, retificações ou desenvolvimentos do que foi dito anteriormente.

Muitos jornais fazem alarde de sua neutralidade em relação aos fatos, **isto é**, de seu não comprometimento com nenhuma das forças em ação no interior da sociedade.

- d) Certos elementos de coesão servem para estabelecer gradação entre os componentes de uma certa escala. Alguns, como **mesmo, até, até mesmo**, situam alguma coisa no topo da escala; outros, como **ao menos, pelo menos, no mínimo**, situam-na no plano mais baixo.



- e) **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto** etc. – oposição – relaciona enunciados com orientações argumentativas opostas.

Choveu na semana passada, **mas** não o suficiente para se começar o plantio.

f) **Embora, ainda que, posto que, conquanto, apesar de, a despeito de, não obstante** etc. – oposição – processo argumentativo através do qual os enunciados contrapõem ideias a partir do funcionamento desses operadores.

Embora os cientistas alertem para o fim da água potável, a sociedade ignora o alerta.

Apesar de os cientistas alertarem para o fim da água potável, a sociedade ignora o alerta.

g) **porque, pois, como, por isso que, já que, visto que, uma vez que** etc. – causa – apresenta um dos enunciados como a causa ou explicação para a ocorrência de um outro.

Fique quieto, **porque** preciso terminar a leitura.

h) **portanto, logo, então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso, pois** (depois do verbo) – conclusão – anuncia o fechamento de ponto da questão ou da discussão inteira.

Recebeu o convite, **logo** atenderá ao nosso pedido.

Exemplos de elaboração do processo de sumarização

I. Muitas das experiências citadas (em reportagem sobre o nazismo) ainda são rotina em laboratórios do mundo inteiro. Camundongos, cães, gatos coelhos (1) são submetidos a martírios que nem imaginamos existir. Cirurgias, infecções induzidas por bactérias, remoção de parte de órgãos, ingestão forçada de venenos, produtos de limpeza e até a criação de feridas para testar novos medicamentos são exemplos de experimentos que certamente não fazem parte do passado (2).

Muitas das experiências citadas (em reportagem sobre o nazismo) ainda são rotina em laboratórios do mundo inteiro. **Animais** são submetidos a martírios que nem imaginamos existir.

(1) Reformulação das informações, utilizando termos mais genéricos.

(2) Apagamento de exemplos.

II. É mais plausível decidir o que fazer com um cidadão para não transformá-lo em um criminoso, do que decidir o que fazer com ele apenas depois de preso. Como diz uma frase atribuída a Pitágoras, eduquem as crianças agora e não será preciso castigar os homens depois (1).

É mais plausível decidir o que fazer com um cidadão para não transformá-lo em um criminoso, do que decidir o que fazer com ele apenas depois de preso.

(1) Apagamento de citação.

III. Se os 10 milhões de dólares não fossem aplicados na viagem de Marcos Pontes, certamente eles não

seriam aplicados no Brasil. Todos nós sabemos que Brasília está corroída (1). A viagem pode não trazer benefícios incalculáveis (2), mas muitos jovens vão ouvir o nosso cosmonauta em palestras, entrevistas, reportagens (3) e se encher de esperança. A ciência não tem preço (4).

Se os 10 milhões de dólares não fossem aplicados na viagem de Marcos Pontes, certamente eles não seriam aplicados no Brasil. Além disso, muitos jovens vão ouvir o nosso cosmonauta em eventos e se encher de esperança.

- (1) Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo.
- (2) Apagamento de argumentos contra a posição do autor.
- (3) Reformulação das informações, utilizando termos mais genéricos.
- (4) Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo.

IV. Sempre haverá homens dispostos a lutar por falsos ideais. Prova disso foi a matéria sobre a Ku Klux Klan. Essa antiga seita racista (1) é simplesmente assustadora. Mais terrível é saber que ainda existem membros participantes.

Sempre haverá homens dispostos a lutar por falsos ideais. Prova disso foi a matéria sobre a Ku Klux Klan, que é simplesmente assustadora. Mais terrível é saber que ainda existem membros participantes.

- (1) Apagamento de sequências de expressões que indicam sinonímia ou explicação.

V. O comando de Libertação Nacional era um pequeno grupo mineiro com ramificações no Rio de Janeiro, formado por ex-militares e ex-integrantes da Polop. Como meio de obter recursos para viabilizar a guerrilha rural, praticava assaltos a bancos e a trens pagadores (1).

O Comando de Libertação Nacional era um pequeno grupo mineiro com ramificações no Rio de Janeiro, formado por ex-militares e ex-integrantes da Polop. Como meio de obter recursos para viabilizar a guerrilha rural, praticava assaltos a bancos e a trens pagadores.

- (1) Conservação de todas as informações, dado que elas não são resumíveis.

Vamos exercitar um pouquinho? Observando o funcionamento dos conectivos, resuma os trechos de textos abaixo:

- a) Nas últimas décadas, a obra de Vygotsky tem sido intensamente recuperada, pois sua influência sem dúvida é crescente no panorama atual, tanto no tocante à psicologia cognitiva quanto à educação em geral.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Leitura e produção de textos acadêmicos:** Resumo. São Paulo: Parábola, 2006.

- b) Uma pesquisa de comunicação descobriu que as pessoas tendem a ler, ouvir ou ver comunicações que apresentem pontos de vista do seu agrado e a evitar as demais. Essas pessoas também são seletivas quanto à percepção e à interpretação das informações. Por exemplo, os fumantes que leram artigos sobre fumo e câncer preocuparam-se menos que os não fumantes com a possibilidade de o fumo realmente

provocar o câncer. Não é provável, portanto, que as comunicações coletivas possam lhes causar mudança de pontos de vista.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Leitura e produção de textos acadêmicos: Resumo.** São Paulo: Parábola, 2006.

3.2 Resenhas

E a resenha? O que entendemos por resenha?

A produção textual no meio acadêmico é algo que está ligada diretamente à leitura, pois sempre é necessário se recorrer às mais variadas fontes de pesquisa a fim de fundamentar o que se pretende dizer no texto. Dessa forma, alguns gêneros textuais acadêmicos partem diretamente da leitura para a escrita, como é o caso da resenha.

A palavra texto tem origem no latim, do verbo “tecere”, entrelaçar os fios. Essa mesma ideia é adotada pelo texto, que, segundo Medeiros (2008, p.123), *é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente*. Assim sendo, todas as partes do texto devem manter uma relação entre si, manifestando um direcionamento único. Nessa perspectiva, a escrita de todo e qualquer texto deve ser algo muito bem planejado, para que se consiga atingir o objetivo empreendido na sua produção.

De acordo com Severino (2007, p. 204), *a resenha é uma síntese ou um comentário dos livros publicados feito em revistas especializadas das várias áreas da ciência, das artes e da filosofia*. Já , Lakatos e Marconi (2008, p. 266) definem resenha como *uma descrição minuciosa que compreende certo número de fatos. Resenha crítica é a apresentação do conteúdo de uma obra. Consiste na leitura, no resumo, na crítica e na formulação de um conceito de valor do livro feitos pelo resenhista*. Para Andrade (1995, p. 60), resenha é um tipo de trabalho que exige conhecimento do assunto, para estabelecer comparação com outras obras da mesma área e maturidade intelectual para fazer avaliação e emitir juízo de valor. A mesma autora acrescenta que resenha é como um resumo, contudo mais abrangente: permite comentários e opiniões, inclui julgamentos de valor, comparações com outras obras da mesma área e avaliação da relevância da obra com relação às outras do mesmo gênero.

A resenha tem como objetivo informar o leitor, de maneira objetiva e cortês, sobre o assunto tratado no livro, evidenciando a contribuição do autor: novas abordagens, novos conhecimentos, novas teorias. A resenha visa, portanto, não só apresentar uma síntese das ideias fundamentais da obra, como também possibilitar ao leitor decidir se irá fazer uma leitura do texto original ou não: *a resenha é de grande utilidade, porque facilita o trabalho profissional ao trazer um breve comentário sobre a obra e uma avaliação da mesma. A informação dada ajuda na decisão da leitura ou não do livro* (LAKATOS; MARCONI, 2008, p. 267).

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), através da norma NBR 6028 (2003, p. 01), define a resenha como um tipo de resumo, classificado nessa norma como “resumo crítico”, do qual se entende por resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Para a produção desse gênero textual, Medeiros (2008, p.147) informa seis passos, a saber:

1. Delimitação da unidade de leitura: fazer uma resenha pressupõe leitura do objeto a ser resenhado, daí a necessidade de “delimitar a extensão da leitura, que é realizada considerando-se sua natureza e familiaridade do leitor com o assunto tratado”;
2. Análise textual: um estudo do vocabulário do texto, as doutrinas impressas nele, verificação dos fatos abordados, autoridade dos autores citados e um esquema das ideias contidas no texto;
3. Análise temática: objetiva-se, nesta fase, compreender e apreender todo o conteúdo da

- mensagem passada através do texto sem intervenção do leitor;
4. Análise interpretativa: o diálogo se faz presente nesta fase, pois o leitor irá dialogar com o autor, revelando suas próprias ideias sobre o texto. Ainda nessa fase, faz-se também uma crítica quanto às posições defendidas no texto.
 5. Problemática: busca-se verificar quais as questões que são levantadas no texto;
 6. Síntese: construção de um texto sintético que reflita as principais ideias contidas no texto.

No início de uma resenha, encontramos informações sobre o contexto e o tema do livro resenhado. Em seguida, o(s) objetivo(s) da obra resenhada. Antes de apontar os comentários do resenhista sobre a obra, é importante apresentar a descrição estrutural da obra resenhada. Isso pode ser feito por capítulos ou agrupamentos de capítulos. Depois, encontramos a apreciação do resenhista sobre a obra. Aliás, é importante que haja tanto comentários positivos quanto negativos. Finalmente, a conclusão em que o autor deverá explicitar/reafirmar sua posição sobre a obra resenhada.

Vamos praticar nossos conhecimentos em relação ao resumo e à resenha de um texto?

Inúmeros tipos de textos, que aparecem em diferentes situações de comunicação, apresentam informações selecionadas e resumidas de outro texto. Identifique e classifique os textos abaixo:

- () resumo de filme
- () resumo (introdutório a artigo científico) ou *abstract*.
- () resumo de livro
- () crítica de filme
- () resenha crítica de livro

Texto 1



Foto: Divulgação

A GRANDE FAMÍLIA: Filmes baseados em séries Televisivas não são decepcionantes, principalmente se já possuem qualidade como é o caso da Grande Família. É como se você estivesse vendo a série - e isso será o pior que pode acontecer. Já notava melhorias no cenário carioca há algum tempo, enquanto acompanhava a saga dessa família pela televisão. Foram aprimoramentos em detalhezinhos que não me fizeram ter surpresas quanto à promoção do longa, embora tenha ficado surpresa com o aumento do volume dos seios de Marilda (Andréa Beltrão), uma atribuição que, diga-se de passagem, é considerável para a personagem. A Grande Família, dirigido por Maurício Farias, pecou muito na abertura, porque a creditação de cada episódio sempre foi de grande excelência em sua originalidade e tanto no começo quanto no fim somos surpreendidos com algo quase tosco. E da mesma forma, o roteiro em três versões para a mesma história tornou-se cansativo.

Porém, conhecemos a maneira com que Lineu (Marco Nanini) conquista a mulher que seria a mãe de seus filhos. O personagem que sempre fez tudo certinho um dia passou a perna em alguém, no suposto acompanhante de baile de Nenê (Marieta Severo), conseguindo substituí-lo para o resto da vida. E eles continuam a frequentar o mesmo baile até a comemoração dos 40 anos de namoro e até que a morte os possa separar ao mais-ou-menos ex-namorado (Paulo Betti) que ressurgue no meio da vida do casal. É de se considerar que a série sempre foi tipicamente carioca e tenho a teoria de que pessoas que não moraram ou visitaram o Rio de Janeiro nunca sentiram o que é se confrontar com um personagem como Agostinho Carrara (Pedro Cardoso). E ele é a melhor coisa do filme pela sua malandragem intrínseca. Desde o momento em que ele rouba um saco de biscoitos do supermercado até os conselhos que dá ao sogro para justificar uma suposta traição. A escolha da música "Outra vez" de Roberto Carlos para os dois momentos de rompimento de

Nenê e Lineu conseguiu dar um clima perfeito para a composição da cena, pois sem dúvidas o cantor combina com o ar um tanto kitch do cenário em que vive a Grande Família. Adoro a jarra em forma de abacaxi que é servida na casa de Nenê. E, tive a impressão de conseguir observar mais características dos espaços onde vivem e trabalham os personagens, embora não exista um momento que fique explícito o bairro da zona norte carioca. Os modelos de corte de cabelo colados na parede do salão de Marilda também foram bem pregados, porque isso é facilmente encontrado em muitos salões de beleza não tão nobres. Só faltou clientes com bobs enormes nos cabelos.

Texto 2

Saturno nos Trópicos, de Moacyr Scliar (Companhia das Letras; 274 páginas; 29 reais)

– Em seu novo livro, o gaúcho Moacyr Scliar deixa a ficção de lado e investe em outra de suas especialidades: o ensaio. *Saturno nos Trópicos* é um estudo sobre a melancolia, e custou cinco anos de pesquisa ao escritor. Não se trata de uma obra difícil: ao contrário, sua linguagem é sempre acessível e envolvente. Scliar enfoca o tema em vários momentos históricos. Fala da Idade Média dos tempos da peste negra e da Renascença dos grandes avanços científicos. Mas seu objetivo é, sobretudo, compreender a melancolia à moda brasileira e traçar uma história dela. Scliar examina a cultura nacional desde os primeiros tempos até o século XX – tratando de personagens como Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e Macunaíma, de Mário de Andrade.



Foto: Divulgação

Texto 3

Resumo

O objetivo do artigo é o de fornecer uma descrição do método concebido para a coleta de dados referentes às representações dos operários do chão-de-fábrica a respeito do jornal da empresa. Os pressupostos teóricos provêm de várias correntes, incluindo-se aí a teoria bakhtiniana, a psicologia do trabalho, o interacionismo sócio-discursivo e a sociologia. Os resultados das análises apontam para a eficácia do método para a coleta desses dados.

Palavras-chave: método; leitura; trabalho; grupos homogêneos.

Texto 4



Foto: Divulgação

Ao retornar do enterro de um colega de repartição, Lineu se sente mal e vai ao médico, de onde sai com a certeza quase absoluta de que morrerá em breve. Deprimido, ele esconde a situação da família e desiste de ir ao tradicional baile onde começou a namorar Nenê. Sem entender o que está acontecendo, Nenê decide provocar o marido e convida um ex-namorado, Carlinhos, para o baile. A chegada de Carlinhos atíça Agostinho e Tuco, que buscam algum meio de aproveitar dele, além de atrair a atenção de Marilda, que deseja conquistá-lo. A situação piora ainda mais quando Mendonça, colega de trabalho de Lineu, tenta melhorar seu ânimo ao tentar envolvê-lo com uma nova funcionária, Marina.

Toda a grande família Silva fica abalada com os fatos. Marilda se sente atraída por Carlinhos e resolve conquistá-lo. Agostinho e Tuco tentam tirar proveito da prosperidade do novo fã de Nenê. Na repartição, Mendonça procura levantar o ânimo de Lineu, tentando envolvê-lo com Marina, uma nova funcionária. A confusão piora quando Bebel anuncia que está grávida. Até mesmo Beizola resolve dar um basta às malandragens de Agostinho e Tuco. Pressionado por todos os lados, sem saber o que fazer e ainda podendo perder Nenê, Lineu tenta, de três maneiras diferentes, evitar que a família sinta sua morte. O resultado é que todos se sentem ameaçados, provocando situações que vão da gargalhada ao drama.

Texto 5

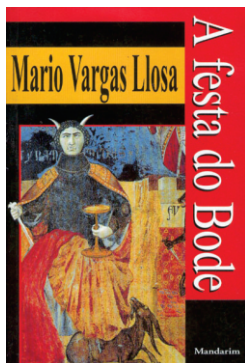


Foto: Divulgação

Real e fantástico Em *A Festa do Bode* (Mandarim), Mario Vargas Llosa descreve um período nebuloso na vida política da República Dominicana. Durante 30 anos (1930-1961) a população daquele país viveu sob a tirania do ditador Rafael Trujillo Molina. Os desmandos do general e a queda do regime após seu assassinato servem para o escritor peruano construir cenários e personagens fantásticos, sem deixar de lado a precisão histórica. Quem conduz a história é Urania Cabral, que volta para Santo Domingo de Guzmán, capital dominicana, depois de 30 anos de ausência para reencontrar o pai – um ex-senador de Trujillo. De repente, ela está de volta ao passado. Manuela Aquino.

3.3 Textos dissertativo-argumentativos

Como fazemos nossas dissertações? Como expor com clareza nosso ponto de vista? Como organizar a estrutura lógica do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão)? Segundo Emediato (2008), há uma confusão no meio escolar sobre o que seja um texto argumentativo e um texto dissertativo. Considera-se o texto dissertativo como um tipo de discurso explicativo, cujo objetivo é explorar certo assunto sem, porém, incluir um posicionamento ou uma opinião. O objetivo do texto dissertativo seria, pois, explicar. A argumentação, contrariamente à dissertação, visa persuadir ou convencer um auditório da validade de uma tese ou proposição.

O texto dissertativo-argumentativo apresenta algumas características específicas, a saber: a) procede à análise de um assunto e, ao mesmo tempo, defende o ponto de vista do autor a respeito desse assunto; b) pode ser construído de forma dedutiva (do geral para o particular) ou indutiva (do particular para o geral); c) convencionalmente apresenta três partes: introdução (na qual é apresentada a tese ou ideia principal, se a construção for dedutiva), desenvolvimento e conclusão; d) linguagem clara, objetiva e impessoal, de acordo com o padrão culto formal da língua e e) verbos predominantemente no presente do indicativo.

Tendo como base esses parâmetros, para a elaboração de uma dissertação-argumentativa, as ideias devem ser selecionadas, considerando-se a divisão do texto mencionada acima: introdução (início), desenvolvimento (corpo) e conclusão (desfecho). Durante o desenvolvimento da introdução, o aluno deve atentar para dois aspectos: a sua extensão e a sua finalidade. No que diz respeito a este, o objetivo primordial da parte introdutória é despertar no leitor, que estará mantendo o primeiro contato com o assunto da redação, o desejo de prosseguir a leitura. Assim, a introdução deve cativar a simpatia do leitor. Quanto a aquele, a introdução deve ser breve. Em uma redação de vinte linhas, por exemplo, a introdução não deve ultrapassar as cinco linhas, além de ser composta por no máximo dois parágrafos.

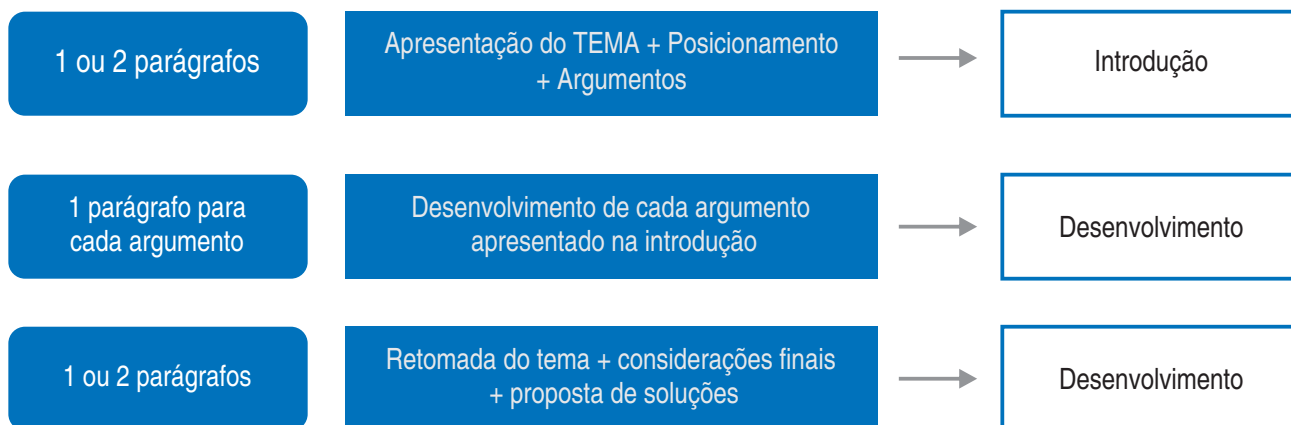
A parte do desenvolvimento de uma dissertação-argumentativa deve ser a parte maior da redação. Numa redação de vinte linhas, por exemplo, o desenvolvimento deve ocupar entre dez e quinze linhas. Nele, o aluno deve debater, discutir e comprovar o que se afirmou no início. No entanto, alguns defeitos devem ser evitados, tais como: pormenores, divagações, repetições, exemplos excessivos de tal forma a não sobrar espaço para a conclusão.

A conclusão, em cujo contexto nós encontramos o desfecho das ideias apresentadas na redação, deve ser tão breve quanto o início. Nela, além de ratificar o que se expôs na introdução e/ou sintetizar as ideias do desenvolvimento, deve-se, no final, oferecer ao leitor uma nova descoberta, uma teoria, uma questão que o desafie ou a solução de um problema.

O modo mais simples de se estruturar uma dissertação é através da estratégia de enumeração de

argumentos. Isso porque ela se adapta com facilidade a praticamente qualquer proposta de redação. Como esse mecanismo funciona? Observe o roteiro a seguir:

- ✓ Na **Introdução**, apresenta-se o tema, o posicionamento em relação a ele e quais os argumentos que sustentam tal posicionamento.
- ✓ No **Desenvolvimento**, cada argumento mencionado na introdução deve ganhar um parágrafo exclusivo, sendo desenvolvido, exemplificado e esclarecido. Repare que na introdução você apenas cita os argumentos e, no desenvolvimento, você os detalha.
- ✓ Na **Conclusão**, faz-se uma síntese de tudo o que foi discutido nas outras partes e propõem-se soluções para os problemas eventualmente levantados.



Agora, vamos praticar o esquema básico de uma dissertação-argumentativa:

Terra: Uma preocupação constante

Chegando ao terceiro milênio, o homem ainda não conseguiu resolver graves problemas que preocupam a todos, pois existem populações imersas em completa miséria e a paz é interrompida frequentemente por conflitos internacionais e, além do mais, o meio ambiente encontra-se ameaçado por sério desequilíbrio ecológico.

Embora o planeta disponha de riquezas incalculáveis, essas, mal distribuídas, quer entre Estados, quer entre indivíduos, encontram-se legiões de famintos em pontos específicos da Terra. Nos países do Terceiro Mundo, sobretudo em certas regiões da África, vê-se, com tristeza, a falência da solidariedade humana e da colaboração entre as nações.

Além disso, nestas últimas décadas, tem-se assistido, com certa preocupação, aos inúmeros conflitos internacionais que se sucedem. Muitos trazem na memória a triste lembrança das guerras do Vietnã e da Coreia, as quais provocam grande extermínio. Nos dias atuais, testemunham-se conflitos em várias regiões do planeta, causando grande apreensão.

Outra preocupação constante é o desequilíbrio ecológico, provocado pela ambição desmedida de algumas pessoas, que promovem desmatamentos desordenados e poluem as águas já tão escassas dos rios. Tais atitudes contribuem para que o meio ambiente, em virtude de tantas agressões, acabe por se transformar em local inabitável.

Em virtude dos fatos mencionados, acredita-se que o homem está muito longe de solucionar os grandes problemas que afligem diretamente uma grande parcela da humanidade e indiretamente a qualquer pessoa consciente e solidária. Dessa forma, é desejo de todos que algo seja feito no sentido de conter essas forças ameaçadoras, para poder suportar as adversidades e construir um mundo que, por ser justo e pacífico, será mais facilmente habitado pelas gerações vindouras.

I- Para se familiarizar com a estrutura do texto, faça primeiro o exercício abaixo:

- a)** No texto, indique quais são os parágrafos de introdução, desenvolvimento e conclusão;
- b)** no primeiro parágrafo, aponte o tema; transcreva os argumentos 1, 2, 3;
- c)** assinale, no texto, em que parágrafo está o desenvolvimento do argumento 1;
- d)** também no texto, aponte o parágrafo em que está desenvolvido o argumento 2;
- e)** localize o parágrafo no qual se encontra o desenvolvimento do argumento 3;
- f)** no último parágrafo, aponte: a expressão inicial; o trecho onde se encontra a reafirmação do tema; e, por fim, a observação final.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. Leitura e escrita: uma concepção discursiva. In.: ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. **Um olhar objetivo para produções escritas:** analisar, avaliar, comentar. São Paulo: Moderna, 2012. 11 p.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Incorporação da Tecnologia de Informação na Escola:** vencendo desafios, articulando saberes, tecendo a rede. Campinas, SP: NIED/Unicamp, 2002.

ALVES, Lucinéia. **Educação à distância:** conceitos e história no Brasil e no mundo. In.: Revista da Associação Brasileira de Educação a Distância. Volume 10 - 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf> Acesso: 14 de maio de 2014.

ALVES, João Roberto Moreira. **A história da Ead no Brasil.** In: LITTO, Fredric; Michael e FORMIGA, Manuel Marcos M. (orgs.). Educação a Distância: o Estado da Arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação:** noções práticas. São Paulo: Atlas, 1995.

ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Fernando; MARQUESI, Sueli Cristina. **Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem:** parâmetros de qualidade. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). **Censo EAD. BR. Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância do Brasil.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaborações. Rio de Janeiro, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1981.

BARROS, D. M. V. **Educação a distância e o universo do trabalho.** São Paulo: EDUSC, 2003.

BELLONI, Maria Luíza. **Educação à Distância.** Campinas: Autores Associados, 2008.

BERRENECHEA, C. A. Planejamento do material didático em EAD, in Universidade Federal do Paraná. **Educação e comunicação em EAD.** Universidade Federal do Mato Grosso (Orgs) NEDER, M. L. C; MARTINS, O. B.; POLAK, Y. N. S. Curitiba: NEAD/UFPR, 2001.

BRASIL, Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996. Disponível em: BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução. Brasília: MEC/SEF, 2000.

Brasil. **Decreto no 2.494, de 10 de Fevereiro de 1998. Altera o artigo 80 da Lei no 9.394** (referente ensino à distância) (revogado pelo Decreto no 5.622). Brasília: Presidência da República. 1998. Disponível em URL: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>. Acesso em 14 de julho de 2014.

CAMPOS, Roselane Fátima. **A reforma da formação inicial dos professores da educação básica nos anos de 1990** – desvelando as tessituras da proposta governamental. Florianópolis, 2004. Tese (Doutorado em Educação) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHERMANN, Maurício & BONINI, Luci Mendes. **Educação à distância**. Novas tecnologias em ambientes de aprendizagem pela Internet. Universidade Braz Cubas, 2000.

COLL, César. **O construtivismo na sala de aula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DIAS, S. S; SILVA, M. Dialógica e Interatividade em educação on-line. **Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n.23, p169-179, jan/jun, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DINIZ, Ester de Carvalho; LINDEN, Maria Gomes Van der; FERNANDEZ Terezinha Alves. (Org.) **Educação a Distância**: coletânea de textos para subsidiar a docência on-line. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução brasileira. São Paulo: Pontes, 1987.

EMEDIATO, Wander. **A fórmula do texto**: redação, argumentação e leitura. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. **Prática de texto**: para estudantes universitários. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FARIA A. A.; SALVADORI, A. **A Educação à Distância e seu Movimento Histórico no Brasil**. Revista das Faculdades Santa Cruz, Curitiba, v. 8, n. 1, janeiro/junho 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRUTOS, M. B. **Comunicação global e aprendizagem**: usos da internet nos meios educacionais. In: SANCHO, J. M. (Org.). Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre, 1998.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. Ed. Ática: São Paulo, 2002.

GRANATIC, Branca. A pena de morte. In: **Técnicas básicas de redação**. São Paulo: Scipione, 1989.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação**: um estudo de conjunções do português. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Pontes, 2007.

HAGUENAUER, C.J. e MARTINS, F.N. **Investigação sobre a Eficiência dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, com Foco na Percepção do Aluno**. Revista Educaonline, Vol 2, no 1. Janeiro/abril de 2009. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/revistaeducaonline/numeros.html>. Acesso em 14 de julho de 2014.

HAGUENAUER, Cristina. **Metodologias e Estratégias na Educação a Distância**. LATEC, UFRJ, 2005. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/portfolio/at/4%20EAD%20metodologias.pdf>. Acesso em: 05 de Julho de 2014.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, María Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAPLANE, Adriana. **Uma análise das condições para a implementação de políticas de educação inclusiva no Brasil e na Inglaterra**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a04v2796.pdf>>. Acesso em: 13 de junho de 2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LITWIN, Edith (org). **Educação à Distância: Temas para Debate caminhos e descaminhos**. In: Silva, Marco (org.). Educação online. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Supervisão Lya Luft. Organização Marcelo Módulo. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Leitura e produção de textos acadêmicos: Resumo**. São Paulo: Parábola, 2006.

MAIA, Carmem.; MATTAR, João. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MAGALHÃES, Lúcia Karam Corrêa de. Programas TV Escola: o dito e o visto. In BARETTO, Raquel Goulart (org.) **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

MARTINS, J.G. **Aprendizagem Baseada em Problemas Aplicada a Ambiente Virtual de Aprendizagem**. Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas**. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDEIROS, M.; FARIA, E.T. **Educação a Distância: Cartografias Pulsantes em Movimento**. EDIPUCRS, Porto Alegre. (Orgs), 2003.

MEDEIROS, Marilú **Ambientes virtuais de aprendizagem: o desafio de novos traçados na produção do conhecimento como criação**. In: VI Congresso Iberoamericano de Informática Educativa, 2002, Vigo. Proceedings do Congresso. 2002.

MENEZES, Mindé Badauy. **A Educação à Distância na Atualidade**. In: Perspectiva da Educação à Distância. Brasília: SEED, 1998.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma Visão Integrada** [tradução Roberto Galman]. São Paulo: Thomson Learning, 2010.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel. **Tendências da Educação Online no Brasil**: Educação Corporativa e Educação à Distância. Rio de Janeiro: Editora Qualitymark, 2002.

MORAN, José Manuel; **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papirus, 2005.

NEVES, Carmen Moreira de C. **O Desafio Contemporâneo da Educação a Distância**. In: Em aberto, Brasília, ano 16, n.70, abr/jun 1996.

OKADA, Alexandra. **A mediação pedagógica e a construção de ecologias cognitivas**: um novo caminho para a educação a distância. In: ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane (orgs). Educação a distância. São Paulo, SP: Futura, 2004.

PALLOF, Rena & PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental**: língua portuguesa. Secretaria de Educação. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 60-70.

POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza. **Referências de Qualidade para Cursos em EAD**: dificuldades e desafios. Revista Diálogo Educacional: PUC-PR, 2008.

PRETI, Oreste. **Educação a distância**: inícios e indícios de um percurso. Cuiabá: NEAD/IE – UFMT; 2005.

REIS, H. B. **Reflexões sobre a pós-graduação em relação profissional à distância**: mapeando conceitos, metodologia de ensino e o ambiente virtual de aprendizagem. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2010.

REVISTA CÁLCULO MATEMÁTICA PARA TODOS. 39. ed. São Paulo: Segmento, ano 4, abr.2014-. Mensal.

SANTOS, Edméa Oliveira. **O currículo e o digital - educação presencial e a distância**. Dissertação de mestrado. Salvador: FAGED-UFBA, 2002.

SANTOS. Edméa Oliveira. **Ambientes virtuais de aprendizagem**: por autorias livre, plurais e gratuitas. In: Revista FAEBA, v.12, no. 18.2003. Disponível em: <<http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/ava.pdf>> Acesso em 15 de junho de 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Marco. **Educação online**: teorias, práticas, legislação e formação corporativa. Edições Loyola, São Paulo, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TAVARES, Vanessa F. **Terra**: Uma preocupação constante. <<http://ameliabarros.blogspot.com.br/p/sugestao-de-producao-de-texto-com-base.html>>. Acesso em: 02 set. 2014, 01:16:30.

VALENTE, Vânia Rita. **Mediação Pedagógica**. Salvador: UNEB/GEAD, 2010.

VIDAL, Eloísa Maia; BESSA MAIA, José Everardo. **Introdução à Educação a Distância**. Editora: RDS, 2010.

VIGOTSKI, L. S.; P. **A Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1916.

ZAMUDIO, Javier Arévalo. **Una Experiencia Puntual de Educación a Distancia**: multimídia UPN, educación para los medios. In *Atracción Mediática: el fin de siglo en la educación y la cultura*. Mercedes Cafiero, Roberto Marafioti e Nadia Tagliabue. Buenos Aires: Biblos, 1997.



Ministério da Educação

